



# Querido papai

SÉRIE DARLINGS PERFECT  
LIVRO 1

Amberly Albuquerque



Querido  
*papai*  
SÉRIE DARLINGS PERFECT  
LIVRO 1

Amberly Albuquerque

Copyright © 2019 Amberly Albuquerque

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Amberly Albuquerque e Juju Figueiredo

Capa: Juju Figueiredo

Diagramação Digital: Juju Figueiredo

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil

Macapá — AP 1º Edição

Agosto de 2019

# SÚMARIO

**SINOPSE**

**DEDICATÓRIA**

**EPÍGRAFE**

**PRÓLOGO**

**CAPÍTULO 1**

**CAPÍTULO 2**

**CAPÍTULO 3**

**CAPÍTULO 4**

**CAPÍTULO 5**

**CAPÍTULO 6**

**CAPÍTULO 7**

**CAPÍTULO 8**

**CAPÍTULO 9**

**CAPÍTULO 10**

**CAPÍTULO 11**

**CAPÍTULO 12**

**CAPÍTULO 13**

**CAPÍTULO 14**

**EPÍLOGO**

**AGRADECIMENTOS**

**MAIS SOBRE A AUTORA**

# SINOPSE

Quando Alicia Albuquerque engravida no auge de seus 22 anos não imaginava que pudesse existir alguém mais feliz que ela. Aquela gravidez era a realização de seu maior sonho junto de seu marido James, ter uma família.

James, não podia se ver mais apaixonado pela mulher que havia se casado, ela era perfeita, e iria lhe dar seu tão sonhado filho. Ele tinha um bom emprego, uma boa casa, e eram felizes, agora mais do que nunca.

Tudo parecia ocorrer perfeitamente, bem, pelo menos até James ser assassinado. Grávida e sem ninguém no mundo — a não ser o chefe de James — para socorrê-la, ela abandonou seu país natal e tudo o que conhecia vindo para o Brasil afim de começar uma nova vida. Ela e seu bebê.

Mas as coisas não eram fáceis como pareciam.

Quatro anos depois ela se vê afundada em dívidas e mais dívidas, emprego não estava fácil, até mesmo pra ela que tinha duas faculdades e falava três idiomas, mas então sua vizinha Suzie consegue uma entrevista para ela em uma grande empresa, e depois de meses procurando emprego aquela era a melhor notícia que ela poderia receber, isso até conhecer seu chefe, Alexandre Maldonado, o homem de olhos e palavras frias e coração de gelo, mas tudo isso poderia mudar com o passar dos meses, principalmente

depois de um certo sábado, que tinha tudo para ser normal, mas não foi bem assim.



# DEDICATÓRIA

*Dedico esse livro a todos os papais, sendo eles de sangue ou não,  
pois o mais importante é o amor que damos e recebemos.*

# EPÍGRAFE

*Não é a carne nem o sangue, é o coração que nos faz pais e filhos.*

# PRÓLOGO

## TRÊS ANOS ANTES

— James! James! JAMES! — gritei saindo do banheiro.

Ele andava de um lado pro outro nervoso, as mãos no pescoço, e o olhar ansioso. Olhou pra mim e eu abri um sorriso enorme

— Deu positivo — sussurrei — Deu positivo James, amor, estou grávida — ele arregalou os olhos e correu até mim me tirando do chão.

— Eu não acredito — tocou meu rosto — Vamos ter um bebê? Um bebezinho? — assenti com lágrimas nos olhos

— Sim amor, vamos ter um bebê, estou grávida, conseguimos — chorei agarrada em seu peito

— Obrigada querida, eu te amo tanto — enxugou minhas lágrimas e se agachou tocando minha barriga nua — Oi bebê, é o papai, eu e sua mamãe amamos muito você, não demora pra chegar — sussurrou, e eu soluzei emocionada.

— Nós conseguimos James, conseguimos nosso bebê — toquei minha barriga e ele levantou os olhos vermelhos pra mim

— Sim querida, conseguimos — me abraçou — finalmente conseguimos

Ficamos assim pelo que parecia horas, e quando nos desgrudamos James me amou, me amou como nunca havia feito antes, porque nosso amor tinha um novo integrante, nosso bebê, nosso querido bebê.

## DOIS MESES DEPOIS

James e eu iríamos jantar fora naquela noite, comemorar na verdade, já que ele havia sido promovido na agência aonde trabalhava. Eu estava tão feliz por ele.

Desde que havia começado a trabalhar lá — logo depois de terminar a faculdade — James se empenhava em crescer dentro da empresa, e fazia isso, seus superiores reconheciam seus esforços e todo ano ele era promovido. Atualmente ele era o gerente de tecnologia de informação, havia deixado de ser somente um nerd de óculos — muito gostoso podemos dizer — desde o seu segundo ano na empresa ao descobrir um vírus que estava permitindo acesso a todas as informações confidenciais da agência.

Arrumei o vestido cor de creme comprido e calcei meus saltos baixos, antes de sair do pequeno closet retoquei o batom nude e peguei minha bolsa de mão, James me esperava ao pé da escada.

Estendeu a mão pra mim e a beijou com ternura antes de tomar meus

lábios num beijo calmo, gentil e cheio de amor.

— Você está linda querida — limpou o canto dos meus lábios —  
Maravilhosa como sempre

Sorri envergonhada — Essa sua mania de me deixar constrangida não  
te larga nunca! — ri

— Já deveria estar acostumada aos meus elogios — fiz um biquinho

— Seu chato — bati em seu ombro enquanto ele me conduzia pra fora  
de casa — Vamos em qual... — senti sua mão em minha boca me calando,  
fiquei assustada no mesmo instante, havia algo errado.

— Shiii — me soltou devagar e levou pra dentro de casa novamente,  
seus olhos estavam aflitos e por um momento eu vi o medo passar por eles e  
tinha certeza que os meus refletiam o mesmo sentimento — Eu te amo  
querida, nunca se esqueça disso — assenti com os olhos cheios de lágrimas  
sabendo exatamente o que estava acontecendo — feche a casa e acione o  
alarme imediatamente, ligue para Carlos assim que fizer isso e diga pra ele  
vir pra cá imediatamente okay?

— Mas, e você? Fique aqui comigo James, por favor — soluzei e o  
apertei entre meus braços, senti meu ombro molhado sinal de que ele também  
chorava.

— Eu te amo muito querida, nunca se esqueça disso, se tudo der

errado essa noite Carlos vai lhe ajudar em tudo, cuide bem do nosso bebê —  
tocou minha barriga

— Eu também te amo — ouvi um ruído

— Vá, adeus meu amor — foi tudo que ouvi ao fechar a porta.

Corri pra cozinha e liguei o sistema de segurança da casa e acionei o  
alarme do condomínio em que morávamos trêmula.

Eu não queria pensar, não queria imaginar o que estava acontecendo,  
eu não queria que meu pior pesadelo se tornasse realidade.

Aos tropeços cheguei ao escritório, sentei na poltrona e comecei a  
vasculhar a bendita agenda de James. Eu não conseguia achá-la em lugar  
algum, então olhei pra frente.

O computador.

Fiz reconhecimento facial, de voz, e impressão digital pra conseguir  
acessar o sistema, somente eu e James podíamos mexer ali, um erro, uma  
vírgula fora do lugar e tudo explodia.

Depois do que pareciam horas eu achei o contato de Carlos.

— Carlos? — falei assim que ele atendeu — É Alícia

— Sim, o que aconteceu?

— Estamos em apuros — Pude ouvir o momento exato em que ele

pegou as chaves

— Você está segura? Onde está James?

— Estou em casa, íamos jantar, você sabe comemorar a promoção —  
pausei sentindo meu peito arder — quando estávamos saindo ele sentiu algo  
errado, me mandou ficar dentro de casa, acionar o alarme e ligar pra você

— Estou chegando, não solte o telefone.

— Tudo bem

— Procure as câmeras da casa Alícia, agora — mandou

Tremendo fiz o que ele mandou, um grito saiu pelos meus lábios sem  
que eu permitisse

— Alícia! Alícia, o que aconteceu? Fala comigo! — ele parecia  
atordoadado

— Eles o levaram Carlos, o levaram — chorei vendo a cena  
novamente

— Como? Quem?

— Três homens, estavam encapuzados, bateram nele e o levaram pro  
carro — botei a mão na boca tentando tapar meu choro

— Estou aqui em baixo, abra a porta — busquei a imagem dele na  
câmera e ele me encarava cauteloso

Sem o responder desci as escadas novamente — não sem antes pegar a arma que James tinha me dado — e abri a porta, olhei atrás dele procurando alguém mais não havia nada, só ele.

Percebendo meu medo ele disse

— Eu não vou lhe fazer mal Alícia, sou amigo e parceiro do James — estendeu a mão a qual eu cumprimentei lentamente

— Pode entrar Carlos — fechei a porta

— Já tem reforços vindo pra cá averiguar a cena, e tem uma equipe rastreando o carro que eles usaram, agora você precisa sair daqui, agora, você não está segura.

Subiu as escadas, quando viu que eu não o acompanhava ele olhou pra trás

— Vamos, conversaremos quando estivermos seguros — assenti — pegue o essencial, você não vai mais voltar pra cá Alícia

Engoli em seco

Peguei minha mala de viagem, a maior que tinha e coloquei algumas mudas de roupa, sapato e itens pessoais, fui até o escritório e peguei o computador de James, e esvaziei o cofre.

Carlos me levou para agência — o único lugar aonde estaríamos seguros naquele momento.



Eu estava nervosa, com fome e morrendo de vontade de ir ao banheiro fazer xixi, toquei minha barriga e uma lágrima escorreu pela minha bochecha.

A essa hora James provavelmente já estava morto, e se não estivesse não demoraria a ser, e eu não conseguia imaginar como seria a minha vida sem ele, e agora com um bebezinho que tinha um pedaço seu, a idéia de não vê-lo ou tê-lo mais pra mim parecia absurda, e não verdadeira.

Carlos me levou pra seu escritório, que era enorme e tinha uma bela vista, os tons eram neutros e nem parecia ser ocupado pois não havia retratos ou qualquer coisa característica dele ali.

Andei até a parede de vidro e olhei o tráfego, as ruas ainda eram intensas, não se passava das 9h e muitos voltavam do trabalho. Toquei o vidro, e por um momento pensei em me jogar dali. Tudo iria sumir, desaparecer.

— Você não vai conseguir fazer isso — sua voz cortou a sala quebrando meus pensamentos — Sente-se Alícia — apontou a poltrona ao meu lado, sentei e o observei fazer o mesmo.

Parecia que meu coração estava sendo esmagado, massacrado, e eu não podia impedir.

— Quem é você? — perguntei, minha voz saiu firme, mais do que eu esperava, ele me olhou atento e levantou indo até uma porta dentro da sala,

entrou e voltou alguns segundos depois com dois copos.

Ele bebia Whisky, fiz que não com a cabeça, mas ele me deu o copo mesmo assim — É água com açúcar, para você se acalmar. Está tremendo

Olhei minhas mãos e vi que era verdade, eu nem havia percebido.

— Obrigada — ele assentiu e sentou novamente, os cotovelos dobrados e apoiados na coxa.

Ele vestia uma roupa formal, o que me fez pensar que estava trabalhando quando lhe liguei, a gravata havia sido — provavelmente — tirada, os três primeiros botões da camisa branca estavam abertos, o rosto sereno e impassível, ele me examinava assim como eu fazia com ele.

Ele era bonito, muito bonito, devo admitir

Os cabelos loiros escuros, a pele clara, os lábios rosados e os olhos claros, cinzas, ele arqueou uma sobrancelha grossa pra mim. Sim, definitivamente cinzas.

Suspirei tomando mais um pouco da água e perguntei novamente — Quem é você? Me responda por favor, eu preciso saber — meu tom saiu quase como uma súplica

Ele mordeu os lábios pensativo e assentiu — Certo

— Eu me chamo Carlos Evans, sou o responsável por essa agência e amigo de James — coloquei a mão na boca surpresa — Seu marido Alícia,

descobriu uma informação muito valiosa para os EUA, e infelizmente sabíamos que isso poderia acontecer, por isso ele confiou a mim a sua segurança

— Ele está m-mor...to? — as lágrimas caíram, ele permaneceu calado  
— Está ou não!? — murmurei trêmula, insistindo

O vi fechar os olhos e assenti lentamente pra mim, toquei meu peito

— Oh, meu Deus! Eu não acredito! Não acredito! — soluzei e ele se levantou vindo me abraçar — Ele não pode morrer Carlos, não pode, vamos ter um bebê, o nosso bebê — ele assentiu enquanto eu continuava a molhar sua camisa.

— O enterro será amanhã, depois disso você irá embora, você e seu bebê Alícia — tocou meu ombro, o semblante triste — Você não pode continuar aqui nem mais um dia

— Mais, mais eu não tenho ninguém Carlos — ele me ajudou a sentar na poltrona, tirou um lenço do bolso e me deu — fomos criados num orfanato, saímos de lá e começamos nossa vida sem ninguém, só nos dois

— Eu sei disso, James me confidenciou tudo

— Ele não pode ter morrido, eu não aceito isso, como ele pôde me abandonar? — abaixei a cabeça tentando parar de chorar, sem êxito

— Ele não a abandonou — olhou pra minha barriga que já tinha uma

leve ondulação — tem um pedacinho dele com você

Respirei fundo — O que eu tenho que fazer?

Conversamos por horas, Carlos havia me explicado tudo o que havia acontecido e disse que James previa isso de certa forma, por isso teve aquela reação.

— Você terá que sumir daqui por um tempo Alícia, não será preciso mudar sua identidade, mas não pode voltar aos EUA até que eu permita, escolha um país da América do sul para morar — eu estava atordoada com todas aquelas informações e responsabilidades.

— Mas eu não tenho como, não tenho dinheiro suficiente — coloquei a mão no rosto

— Tem sim, James abriu uma conta no banco e fez seguro, venda sua casa, seu carro, juntando com o seguro e o salário dele você consegue se manter até ter a criança e arrumar um emprego

— O salário dele não vai ser desativado? Já que ele... — eu não conseguia repetir, fechei os olhos e senti o amargor das palavras

— Como você está grávida eu vou abrir uma exceção pra você, irá receber como se fosse o salário desemprego dele, o dobro — assenti — seu dinheiro vai valer mais no Brasil, então recomendo que vá pra lá e administre muito bem as coisas até poder arrumar um emprego.

— Eu entendi, você pode cuidar da venda para mim? Por favor

— Já estou fazendo isso, amanhã o valor vai estar na sua mão junto com seu passaporte, e Alícia — Olhei pros carros se movendo lá embaixo quando ele tocou minha mão — pode contar comigo, James não era só um empregado, era quase como um irmão pra mim, éramos amigos — fiquei surpresa ao saber aquilo, James não falava nele, não sabia que ele existia até agora — melhores amigos Alícia — abaixou a cabeça, e quando levantou eu pude ver o sofrimento nos seus olhos — Eles vão pagar pelo que fizeram, eu prometo

— Obrigada

— Se você precisar de qualquer coisa enquanto estiver no Brasil me ligue, não tenha receio por favor

— Tudo bem

Naquela noite eu dormi em seu apartamento, e o dia seguinte passou como um borrão do pior dia da minha vida, eu não pude nem mesmo ver ele novamente pois tinham o torturado de todas as formas possíveis. Não havia ninguém além de mim, Carlos e o padre no enterro. Aquele foi definitivamente o pior dia da minha vida.

Mas Carlos me apoiou em todos os momentos, afagando minhas costas e me oferecendo lenços, ele cuidou de mim.

No final daquele dia Carlos e eu embarcamos no jatinho dele em direção ao Brasil, ele me disse que tinha um apartamento no Rio de Janeiro e que ele era meu, eu não pude recusar, não tinha condições, somente aceitei e o agradei, ele estava fazendo muito por mim, mais do que eu pensei que faria.

Já em solo brasileiro e carioca eu senti o calor afundar sob minha pele, a quentura no corpo e o sol me queimado, tirei o casaco que vestia e deixei meus ombros nus.

Carlos me instalaria e ficaria alguns dias para me ensinar a andar pela cidade, depois seria eu, meu bebê e Deus, e que este tivesse misericórdia de mim, pois eu não sabia como iria ser daqui pra frente.

Limpei uma lágrima que caiu ao me lembrar de James, era para ele estar ali, comigo, com o nosso bebê, mas ele não estava, e eu teria que cria-lo sozinha

# CAPÍTULO 1

O dia havia começado quente e agitado, senti o suor escorrer pelo meu rosto ao terminar de enxugar o banheiro recém lavado, passei a mão e a enxuguei na calça legging que vestia naquela manhã.

Cansada andei até a cozinha e bebi um copo de água bem gelada, lavei as mãos e voltei a fazer a faxina.

Hoje era domingo, então era dia de limpar a casa de cabo a rabo, na verdade eu a limpava assim duas vezes por semana, domingo e quinta-feira.

Tudo isso porque minha bebê tinha asma e várias alergias que me obrigavam a ter todo cuidado do mundo com ela. Manuella ia fazer quatro aninhos daqui três dias e estava ansiosa pois seu padrinho vinha visitá-la, como fazia em todos os seus aniversários desde que nasceu.

Carlos era um verdadeiro anjo na minha vida, depois que James morreu ele havia estado no meu lado em cada momento que eu precisava, no meu parto ele estava lá, passou as 38 horas segurando minha mão, e quando eu pensei que fosse morrer, que não conseguiria, ele me salvou, me fez conseguir e acreditar.

Manu o adorava, quando o via se agarrava em suas pernas e não

soltava mais, na hora de ir embora era um chororô que durava dias de uma menina linda e muito brava.

Passei o último pano na casa e depois de observar cada canto da casa procurando alguma sujeira e não as encontrando entrei no banheiro e tomei um longo e relaxante banho.

No closet puxei uma regata rosa e um shortinho jeans curto do cabide, calcei minhas sandálias e preendi o cabelo num coque. Peguei minha caixinha com todo meu dinheiro no fundo da gaveta e tirei alguns trocados de lá. Faltava pouco para que eu ficasse totalmente sem dinheiro.

Suspirei, não pensaria nas milhares de dívidas que tinha agora, hoje não.

Fechei a porta do apartamento e peguei o elevador indo para o 14º andar na casa da minha vizinha Suzie.

Suzie Chaves era outro anjo na minha vida, desde que cheguei ao Brasil ela vem me acompanhado e me ajudado em tudo que pode. Cuida de Manuella pra mim sempre que preciso, ela tem uma única filha, mas ela mora na Austrália e pouco vem visitá-la.

Toquei a campainha e segundos depois pude ouvir a confusão pra quem iria abri-la.

— Minha bebê! — falei ao vê-la e abri os braços me agachando



— Mamãe! — correu até mim e se pendurou no meu pescoço dando milhares de beijos no meu rosto.

Suzie olhava tudo encantada, ela adorava Manuella.

— Oi querida, entre — abriu mais a porta — conseguiu limpar tudo por lá?

— Consegui sim, obrigada Suzie, de verdade — sentei no sofá ao seu lado.

— Está com fome? Acabei de fazer panquecas com chocolate — Manu que até agora distribuía beijos em mim levantou a cabeça e correu para a cozinha com as perninhas curtas e gorduchas.

— Desculpe por ela Su — falei me levantando

— Que nada querida — deu ombros — eu adoro tê-la aqui, Manu é um amor de criança. O aniversário dela é quando mesmo?

Entramos na cozinha

— Daqui a três dias, ela está super ansiosa — pisquei pra pequena

— Tia Suzie — falou com animação — eu já lhe falei que o meu *padinho* vem me ver? — seus olhinhos brilhavam enquanto pronunciava as palavras — e ele disse que vai me trazer um *plesente* beeeem bonito — deu pulinhos

Suzie riu dela me olhando — disse sim florzinha, agora deixa eu colocar a panqueca pra você, quer o chocolate por cima? — ela assentiu rápido enquanto Suzie decorava seu prato.

Manu estava assistindo Dora aventureira enquanto se lambuzada com as panquecas de chocolate na sala, Suzie e eu comíamos na mesa da cozinha. Cortei mais um pedaço da panqueca

— E os trabalhos querida? A empresa ainda não deu retorno? — me olhou preocupada, neguei cabisbaixa

— Nada Su, nadinha, sem telefonemas ou e-mails, estou perdendo as esperanças — coloquei o garfo no prato — não sei mais o que fazer, o hospital já me ligou duas vezes essa semana e ameaçaram tomar meu apartamento — pus as mãos na cabeça e segurei as lágrimas — e os remédios dela já estão acabando, não tenho nem dinheiro para comprar mais, o jeito será pedir para Carlos comprar, odeio pedir as coisas a ele.

— Oh, querida, porque não me falou que a situação estava tão seria assim? — perguntou num misto de preocupação e raiva

— Sabe que eu não gosto de incomodar, mais que já faço Su, poxa, você cuida da minha filha direto, já faz tanto por mim...

— Mesmo assim menina — levantou — você ainda tem currículo? — assenti — ótimo, me entregue um que acho que posso lhe conseguir um

emprego

— Sério? — disse esperançosa novamente

— Sim, sim, e quanto a Manu não se preocupe, eu cuido dela com todo amor — me levantei indo abraça-la

— Ah Suzie, obrigada, mas seria só por um tempo, eu vou colocá-la na creche esse ano que vai entrar.

— Mas mesmo assim sabe que pode contar comigo

— Sei sim Su.

...

Mais tarde naquele mesmo dia Manu se pendurava em uma de minhas pernas implorando por chocolate e pipoca, revirei os olhos e repeti o que tinha acabado de dizer

— Você não pode comer mais chocolate hoje Manu, já não basta tudo o que comeu na casa da tia Suzie hoje de manhã? — ela dobrou os beicinhos vermelhos e seus olhos se encheram de lágrimas

— Mas mamãe! — lamentou — a *senhola* nunca me deixa comer *chocoate* — se balançou na minha perna fazendo birra

— O seu médico que mandou lembra? — botei a mão na cintura, ela

abaixou a cabeça e me soltou — Você não quer ficar dodói de novo não é? — ela negou — e também não quer ter que tomar injeção e comer a comida do hospital né?

— Não mamãe, não *quelo*, aquela comida é muitooooo ruim — abriu os bracinhos ilustrando o quão ruim era, ri

— Então — tem que comer comida saudável e chocolate só as vezes, não foi esse o combinado — ela balançou a cabeça em concordância tristonha — estamos quites então — andei até a geladeira e peguei maçã e banana — que tal uma salada de frutas?

— Humm, siiimm, salada de frutas — bateu as mãozinhas alegre — posso ajudar?

— Pode, — ela arregalou os olhos sorrindo e veio para o meu lado — sente aí no banco e me observe

— *Cledo* mamãe, a *senhola* é mal — cruzou os braços e fez um biquinho chateada

— Você me ama que eu sei — brinquei cortando as frutas

— A *senhola* também — pausou — e o papai, mesmo ele estando com o papai do céu — parei de cortar as frutas e meus olhos se encheram de lágrimas, me virei para ela

— Sim meu amor, ele a amava muitooooo — sorri em meio as

lágrimas — tenho certeza que ele vê você lá de cima — apertei sua bochecha — então vamos fazer bonito tá?

Ela assentiu e logo depois que eu terminei de preparar a salada fomos assistir Barbie na sala. Quando o filme estava acabando Manu já caía de sono

— Tô com sono mamãe — levantou os bracinhos pra eu pegá-la no colo

— A bebê tem que tomar baninho ainda, vestir uma roupa limpa, — ela afundou o rosto no meu pescoço, preguiçosa — e escovar os dentes, e o cabelo — completei rindo

— Ah mamãe, eu tô cansada — sua voz estava rouca pelo sono

— Não vai doer nadinha, eu até deixo a água morna

— Tá bom então

Depois de fazer tudo isso eu a coloquei na cama e peguei sua boneca, a Pink, ela a abraçou e eu puxei o lençol a cobrindo do frio.

Já estava desligando o abajur quando ela falou

— Mamãe?

— Oi meu amor — toquei seu rostinho

— Eu tenho saudades do papai, a *senhola* sente saudades dele também? — aquilo quebrou meu coração, assenti chorosa.

— Sim meu bebê, eu tenho muita saudade dele — beijei sua testa —  
agora vá dormir que amanhã é outro dia, e logo seu padrinho chega

— Boa noite mamãe, eu te amo

— Também te amo bebê

...

Já se passava das 11h da noite quando eu levantei da cama, não conseguia dormir, eram tantas coisas me atormentando, os remédios de Manu, as contas, os currículos e entrevistas de emprego sem retorno, a esperança da Suzie conseguir um emprego para mim, e agora as palavrinhas da minha bebê, ela sentia saudades do pai, era normal.

Quando ela começou a entender mais as coisas eu expliquei para ela que o papai era um herói, que tinha salvado nós duas e que agora estava com o papai do céu. Ela entendeu, e não tocou mais no assunto, até hoje. Ela falou sobre ele duas vezes. Não podia culpa-la também, era normal uma criança da idade dela ter curiosidades, e querer falar e saber a respeito. Eu só queria que isso nunca acontecesse, era doloroso.

Eu ainda sofria ao lembrar dele, todas as noites quando deitava na cama sentia sua falta, dos seus abraços, do seu cheiro, dos seus beijos, da companhia, sentia saudade de ter com quem compartilhar meus problemas sem culpa.

Limpei meu rosto banhado de lágrimas e fui até a cozinha preparar um chá de camomila.

Eu gostava de admirar as estrelas a noite, me lembrava de James, ele sempre gostava de me levar para o campo, e quando íamos ficávamos deitados no chão admirando as estrelas, sentindo o frio da madrugada, e nos amando, sempre nos amando.

James partiu, mas deixou um pedacinho seu comigo, e eu era tão grata a ele por tudo, nenhuma outra pessoa podia me fazer feliz como ele, hoje eu era uma mulher sozinha e viúva com uma filha de quase 4 anos, e a solidão era tão ruim e amarga, que só quem a vivenciava sabia do que eu estava falando, mas quando eu me lembrava de tudo que vivi com James aquilo sumia por um momento.

Eu nunca fui tão feliz como havia sido com ele, e temia que não fosse nunca mais.

Minha bebê era linda, maravilhosa e um amor de criança, mas nunca poderia ocupar totalmente meu coração, eu precisava de alguém.

Eu era uma mulher bonita, inteligente e ainda estava jovem, podia muito bem arrumar um bom casamento, mas simplesmente não conseguia, só o pensamento de tentar algo assim fazia com que eu me sentisse mal, uma traidora. E também tinha Manuella, não sabia se ela iria aceitar um outro

homem em nossa vida, e o medo de que alguém fizesse mal a minha menina me fazia recuar, nunca deixaria ninguém fazer algo de ruim a ela, morreria mais não permitiria que isso acontecesse.

Tomei mais um gole do meu chá. É, pelo visto eu terminaria minha vida sozinha, pelo menos teria minha bebê a salvo de tudo.

Agora eu precisaria focar no que era mais importante, arranjar um bom emprego e quitar minhas dívidas naquele *maldito* ou *bendito* hospital.

Me escorei na pia e deixei o chá na bancada

Ainda me lembrava dos meses que vivi o inferno dentro daquele hospital com Manu internada. Os médicos não tinham mais esperanças que ela pudesse se recuperar, mas graças a Deus e os esforços de toda equipe médica ela conseguiu. Ela se recuperou e eu tenho tido todo o cuidado para que aquele episódio não se repita. Ver minha filha entubada e cheia de agulhas, pálida e quase sem vida era uma visão que eu não gostaria de ter nunca mais.

*Din don, Din don, Din don*

A campainha tocava me deixando em alerta, desde o dia em que James morreu eu vivia pisando em ovos, todo cuidado era pouco.

Corri até a sala e espiei no olho mágico para ver quem era. Girei a chave e abri a porta surpresa e imensamente feliz.



— Carlos! Que surpresa maravilhosa — lhe abracei forte, ele riu.

— Vai me matar sufocado ruiva — *ruiva* era assim que ele me chamava desde que criamos um laço de amizade.

— Entra — lhe soltei — pensei que só viesse daqui a três dias, pro aniversário da Manu.

Ele fechou a porta e me acompanhou até o sofá

— Decidi fazer uma surpresa para a minha afilhada, posso não?

Ri e bati em seu ombro — Claro que pode seu chato, mas me diga, chegou agora ou já está na cidade a algum tempo?

— Cheguei a pouco mais de uma hora — deitou a cabeça no sofá — estou morto da viagem, passei o dia trabalhando para poder vir pra cá — sorri

— Obrigada Carlos, obrigada mesmo por se importar tanto assim — ele sorriu levemente — Manuella está tão ansiosa pra te ver, não para de falar sobre isso nenhum segundo.

— Eu trouxe vários presentes pra ela, está tudo no hotel

— Porque está hospedado num hotel? Sabe que pode vir aqui pra casa seu bobo

— Já está tarde ruiva, eu nem vinha aqui agora por causa da hora, mas decidi passar aqui na frente pra ver como estão as coisas — nisso ele queria

dizer que tinha passado com o porteiro fofoqueiro para ver tudo que havia acontecido — e vi sua luz acesa, aliás, o que faz acordada a essa hora? — cruzou as pernas.

— Ah Carlos — levantei meio cabisbaixa indo pegar meu chá, ele me seguiu e se escorou na batente da porta, o queixo apoiado na mão. — São tantas coisas...

— Eu sei exatamente o que está acontecendo Alícia — oh, merda. Ele havia descoberto — e nós precisamos conversar seriamente.

Carlos parecia chateado comigo, e não podia nem culpa-lo, havia escondido várias coisas dele, inclusive que Manuella tinha estado doente e no hospital. Eu estava encrencada.

## CAPÍTULO 2

— Eu ainda estou esperando que me explique porque diabos não me contou que minha afilhada esteve gravemente internada — sua voz saía firme porém baixa, e isso me amedrontava, eu me sentia tão mal por ter escondido aquilo dele, Carlos prosseguiu — e que você está atolada em contas por causa disso.

— Eu ia contar — abaixei os ombros. Era mentira, eu não ia

— Você nem cogitou essa idéia Alícia, acho até que isso nunca passou pela sua cabeça — suspirou fortemente — *porra* Alícia — murmurou — depois de tudo que passamos juntos. Depois de você me conhecer tão bem e nos tornarmos amigos. É assim que você me trata, não tem a mínima decência de pelo menos me avisar — crispou o dedo pra mim, arrebitei o nariz

— Não me acuse assim! Aconteceu no dia que você viajou pra Itália, não quis incomodar sendo que estava trabalhando, mas admito meu erro, sei que deveria tê-lo avisado pelo menos depois, mas não fiz, não achei necessário pois aquilo já havia passado e pronto — passei por ele em direção a sala e me sentei no sofá

Eu sabia que devia muito a ele, Carlos era um amigo tão bom pra

mim, e um ótimo padrinho pra Manuella, mas não podia falar assim comigo, eu já era bem grandinha e sabia o que fazia da minha vida.

— Me desculpe ruiva — sentou ao meu lado, o olhei com uma sobrancelha arqueada enquanto ele passava a mão no rosto rudemente — eu fiquei tão *puto* quando soube, eu quero que você confie em mim — segurou minhas mãos — eu *preciso* que você confie em mim ruiva, não me negue isso

— Tudo bem, nós dois erramos — lhe abracei

— Mas eu ainda quero aquelas contas, Francisco me disse que estão ameaçando lhe tomar o apartamento

— Carlos eu não que... — ele me calou

— Eu não vou conseguir ter paz se você não me deixar ajudá-la, vocês são o mais próximo que eu posso chamar de família — lhe olhei com ternura

— Você é da família Carlos, sabe disso seu bobo — ele me puxou para o seu peito e lá eu fiquei.

Gostava quando Carlos estava em casa, eu me sentia bem, me sentia viva, me sentia mulher.

...

— Mama... — Manu se interrompeu arregalando os olhos —  
*padinhoooooooooooo*

Ela se enroscou nas pernas de Carlos que sorria abertamente, ele a pegou no colo e a jogou pra cima várias vezes, Manu gargalhava. Minha filha amava tanto Carlos que eu não podia nem medir.

— Como está a minha afilhada preferida? — perguntou a colocando no chão, está resmungou e depois disse

— Sou sua única *afiada* — arrebitou o narizinho para ele

— Meu Deus! Você é igualzinha a sua mãe — olhou para mim

— Nem me metam na conversa, aliás — pus a mão na cintura e olhei para Manu fingindo raiva — cadê o meu bom dia? Meu abraço? É só você ver seu padrinho que me abandona assim mocinha? Eu que cuido de você hein — dramatizei

Ela correu para mim sorrindo brincalhona

— Você sabe que eu te amo mamãe! — me beijou — mas o *padinho* Carlos só vem as vezes

— Mas olha! É um complô contra mim! — virei o rosto fingindo indignação, Carlos gargalhava alto — Depois dessa vou fazer panquecas só pra *mim*

— Isso não é justo mamãe — correu atrás de mim.

O restante da manhã se passou assim, entre risos e gargalhadas, durante a tarde Carlos levou Manu ao shopping e quando voltaram não tinha

aonde colocar presente, ele a mimava demais.

Ele também pagou a conta gigantesca do hospital, mas somente quando me prometeu que deixaria pagá-lo depois, eu era um pouco orgulhosa, independente, não gostava de depender de ninguém, a gente aprende isso quando não se tem com quem contar.

James e eu aprendemos a viver da forma mais dolorosa possível, e só conseguimos sobreviver pois estávamos juntos, e estudávamos muito, sempre nos destacando de todos os outros porque não tínhamos as mesmas oportunidades que eles, por sermos órfãos todos nos olhavam de escanteio, então tínhamos que ser duas vezes melhores do que os outros, e nunca, nunca nos separarmos.

Nós vencemos porque estávamos juntos, um segurando a mão do outro, sempre dando apoio e uma palavra de força, aquilo conseguia ser mais forte do que qualquer pedrada que viesse contra nós. Éramos fortes, invencíveis, indestrutíveis.

James foi o primeiro a sair do orfanato ele havia passado numa faculdade renomada e iria passar os próximos anos da sua vida lá, eu pensei que ele me abandonaria, realmente, por um momento eu imaginei que ele deixaria para trás tudo aquilo que vivemos, eu pensei aquilo, e isso se fortaleceu ao passar meses sem vê-lo, quase um ano.

Mas no dia que eu completei 18 anos e pude sair do orfanato ele estava lá, me esperando com um buquê de rosas vermelhas. Eu chorei tanto, pensei que fosse estar sozinha a partir dali.

Mas não, James havia arrumado um emprego integral, estudava a noite e de dia trabalhava, passou aqueles meses todos ajeitando um apartamento pequeno perto da faculdade para nós dois. Ele me beijou e prometeu nunca mais me deixar sozinha enquanto vivesse, eu bati nele e depois o abracei tão fortemente que quase não o soltei.

Ele cumpriu aquilo que me prometeu, ficou comigo até o fim.

Uma lágrima escorreu pela minha face

— Ruiva? O que foi? — Carlos afagou minhas costas, sorri em meio as lágrimas tentando disfarçar meu sofrimento.

— Manuella já dormiu? — ele assentiu — ótimo, quer chá? — apontei para a chaleira.

— Não gosto de chá, um café cairia melhor — piscou — mas não mude de assunto, porque estava chorando quando cheguei?

Respirei fundo e coloquei café na cafeteira elétrica

— Gosta do seu café forte? Doce ou amargo? — perguntei me encostando na pia com os braços cruzados, ele ergueu uma sobrancelha para mim e passou a língua nos lábios.

Desviei meus olhos dos seus e virei ouvindo-o responder

— Forte e doce — coloquei o pó no refil

Minutos depois já estávamos sentados na varanda, a noite estava fria e o céu limpo, sem nuvens, somente com as estrelas e a lua reluzindo nossas faces

— Eu não consigo seguir em frente Carlos — não olhei para ele enquanto falava — não consigo ter uma vida comum como todo mundo, parece errado e traiçoeiro, e eu me sinto sufocada, sem saída — abaixei a cabeça — não sei mais o que fazer. A todo momento lembranças de mim e James me afligem, eu não consigo dormir a noite direito desde aquele dia — confessei

Segundos se passaram antes que Carlos falasse alguma coisa

— Antes de nós dois nos conhecermos, a muito tempo atrás eu tive uma namorada — arregalei os olhos surpresa — e eu a amava, a amava tanto Alícia — olhou para o chão cabisbaixo — eu faria qualquer coisa por ela. Você deve se lembrar do porque James cresceu tanto na empresa certo? — assenti, foi depois daquele vírus no computador — tínhamos uma *maldita* operação naquela noite, ela me pediu para não ir, mas eu insisti, era meu trabalho, minha vida, e eu havia acabado de ser admitido no cargo, então fui — engoliu em seco — trabalhei muito bem naquela noite, e a operação foi



um sucesso, dois dias depois eu ia encontrá-la em seu apartamento — parou por 2 segundos — mas quando cheguei ela estava morta — suas palavras continham ódio, raiva, e culpa — e eles ainda deixaram um bilhete para mim.

— Carlos, eu...eu não sabia! — me levantei e fiquei ao seu lado

— Quase ninguém sabe dessa outra versão Alícia — me olhou, seus olhos refletiam dor e sofrimento — eu nunca mais permiti ninguém entrar na minha vida depois disso, é como se eu fosse machuca-los. Entendo você Alícia.

— Eu não fazia idéia Carlo, eu sinto muito — apertei seu ombro — de verdade, eu sei como é perder alguém — ele segurou minha mão

— Somos duas pessoas quebradas Alícia, duas pessoas que a vida brincou, duas pessoas sofridas — me encarou, havia algo em seus olhos, mas eu não sabia o que era — merecemos um final feliz, ruiva

— Merecemos sim, é claro que merecemos — suspirei

...

— Quer ajuda aí? — Carlos perguntou, no batente da porta, havia um sorriso tranquilo em seu rosto e em nada se parecia com o homem quebrado que tinha desabafado comigo ontem a noite.

— Não precisa — sorri colocando o bolo no forno — pelo menos isso eu dou conta de fazer

— Você da conta de muita coisa Alícia — piscou safado e virou as costas indo para a cozinha.

Permaneci parada perto do fogão até senti a queimadura na minha pele

— *Santa mierda* — murmurei vendo a vermelhidão no meu braço, abri o freezer e tirei blocos de gelo pra colocar no local.

### *Blocos de gelo*

O pensamento inadequado me fez suspirar, aquilo me fez lembrar de uma de minhas brincadeiras com James. Gelo era o seu elemento favorito, o meu era o fogo.

— Mamãe? — Manu me tirou do transe que estava, a olhei corada, Carlos estava atrás dela e ao constatar isso senti todo o sangue do meu corpo nas minhas bochechas

— Sim filha? — passei a língua nos lábios e virei pra pia evitando seu olhar. Tinha algo de errado ali.

### *Droga.*

— A *senhola* tá bem? — pendeu a cabecinha para o lado me olhando preocupada

— Claro amor, o que você quer?

— *Chocoate* — arqueei a sobrancelha e ela juntou as duas mãozinhas e fez biquinho — por favor mamãe, olha — pôs a mão na cintura e arrebitou o narizinho — faz *dois* dias que não como *chocoate*

Frisei os olhos devagar e então abri um sorriso

— Só porque passou dois dias sem pedir tá mocinha? — ela assentiu e correu para pegar o pote na geladeira. Carlos me encarava fascinado — O quê?

— Você é linda — elogiou, arregalei os olhos e franzi a testa.

— Voc...

— *Padinho* — Manu o chamou — assiste filme comigo?

— Claro princesa, vamos — deu a mão para ela, mas antes abriu um sorriso galanteador e deu uma piscadinha.

Eu estava começando a achar que Carlos estava interessado em mim.

Mas será?

Não, ele era o melhor amigo de James, e também, ficou todos esses anos sem demonstrar nada, não teria motivos para isso acontecer agora.

Só podia ser coisa da minha cabeça.

Eu estava precisando transar, isso sim.

Onde já se viu, imaginar que Carlos olharia para mim. Tudo bem que

eu era bonita, bem bonita, tinha os cabelos longos e ruivos naturais, olhos esverdeados e a pele clara, o nariz arrebitado, mas nada demais, era bem normal, comum, pelo menos na minha cidade natal era assim.

Dei ombros e voltei a preparar os doces para a festinha de Manuella, porém dessa vez olhos cinzas se faziam presentes nos meus pensamentos.

Eu sempre achei Carlos um homem bonito, admiti isso para mim mesma quando o vi pela primeira vez, e depois que cheguei nos últimos meses de gestação ele esteve bem presente na minha vida, foi aí que nos aproximamos.

E eu via o quanto ele era bonito e gostoso, podia ver o virar de cabeças por onde passávamos junto com os olhares mortais que as mulheres me lançavam ao ver ele comigo.

Carlos me acompanhava para tudo, nas consultas, exames, compras e qualquer outro lugar que eu fosse. Ele era quase um pai para minha menina. E por muito tempo eu imaginei ele naquele posto, eu conseguia ver ele comigo, na minha família, ele *era* da família.

Balancei a cabeça afastando esses pensamentos

— Acorda Alícia, ele nunca olharia para você — murmurei para mim mesma terminando de lavar a louça — E você é viúva, tem uma filha pequena para criar, esqueça isso — me recriminei

Eu tinha que pensar em James, aquilo era errado, como eu conseguia pensar isso do melhor amigo dele? Da pessoa a qual ele havia confiado para cuidar de mim?

E Manuella, tudo bem que adorava o padrinho, mas não ao ponto de assistir ele assumir o lugar de seu pai, ela não estava preparada pra isso.

Eu não estava preparada.

E acho que nunca estaria.

# CAPÍTULO 3

A festa de aniversário de Manuella havia sido simples, somente para os mais íntimos, ou seja, quase ninguém já que eu não conhecia muita gente por aqui. Mas Manu havia adorado tudo, principalmente por todos os presentes que ganhou. Ela brincou muito com as amiguinhas que até passou mal por causa da asma, depois disso encerramos a brincadeira.

Carlos estava preocupado com Manuella e queria levá-la ao médico, porém eu não deixei, isso era normal devido a sua doença, e não havia acontecido nada grave. Briguei com ele pois sabia muito bem como cuidar de Manu e depois fui por minha menina para dormir.

— Mamãe? — me chamou com a vozinha fraca e cansada

— Oi meu bem — acariciei seu rosto

— Porque eu não sou igual minhas *coequinhas*? — enruguei a testa

— Como assim meu amor? Você é normal — sentei na beira da cama

— Elas podem brincar, correr, fazer tudooooo — ilustrou com as mãozinhas pequenas, engoli em seco e senti meus olhos arderem

— É porque você é uma princesa especial meu amor — apertei seu narizinho e ela sorriu animada

— *Vedade* mamãe? — anui

— Claro que sim — beijei seu rosto — agora vá dormir meu bebê

— Te amo mamãe — se espreguiçou

— Mamãe também te ama muito bebê — saí do quarto e fechei a porta devagar me encostando na parede

Fechei os olhos e senti as lágrimas rolarem

Minha filha estava crescendo tão rápido, ficando mais esperta e inteligente, e tudo que eu não queria era que ela se sentisse inferior as amigas.

Respirei fundo apertando os lábios

Eu a amava tanto, tanto, não queria que nada nunca desse errado para ela, queria que ela tivesse uma vida bela e feliz, queria que ela vivesse a vida plenamente.

Mas que nunca sofresse, eu pedia, rezava para que a dor nunca batesse em sua porta assim como aconteceu comigo.

Arrumei meu vestido e fui para o meu quarto, precisava de um banho e um chá quente antes de dormir.

...

— Querida eu consegui uma entrevista para você — Suzie falou enquanto tomávamos café

— Ah Suzie, obrigada, obrigada mesmo — apertei sua mão sob a mesa

— Que nada menina, você vai conseguir esse emprego, vai ver — deu tapinhas no meu ombro

— Poxa, tomara, eu estou realmente precisando — suspirei

E como estava

— Do que está precisando? — Carlos perguntou entrando na cozinha abruptamente, me assustei e acabei derramando café na minha blusa, corri para a cozinha

— Aí meu Deus! Menina! — falou se levantando e vindo atrás de mim.

Passei água gelada, mas continuava ardendo

— Tira essa blusa Alícia! — mandou Suzie

Agoniada acabei a tirando ficando somente de sutiã

— Coloca esse pedaço de gelo querida

Peguei e passei no meu peito que ardia, não seria por menos, eu havia fervido aquele café minutos antes de toma-lo

— Tá melhorando já — falei aliviada depois de alguns minutinhos

— Me desculpe por assustar você ruiva — olhei pro meu lado e



Carlos me encarava culpado, virei para ele e me encostei na pia

— Tudo bem, já está melhor — olhei pra vermelhidão

Mas foi uma péssima ideia dizer isso, pois se antes ele me olhava culpado agora seus olhos estavam famintos e refletiam desejo, ele encarava meus seios desavergonhado, passou a língua sob os lábios rosados.

— Carlos — chamei — Carlos! — disse mais alto e ele me olhou

Abaixei a cabeça envergonhada

— Vou tomar um banho, Suzie pode vir comigo — chamei a senhora de 45 anos que assistia tudo abismada

— Menina, parecia que eu estava naquelas novelas mexicanas — falou rindo quando entramos no meu quarto, sentei na cama confusa

— As mexicanas são as melhores — falei vendo-o se aproximar

— O que foi Alícia? — sentou do meu lado

— Eu não sei o que está acontecendo com Carlos esses dias Su, ele não está normal, tem me dado alguns olhares e insinuados coisas indecentes

— Pensei que já tivesse percebido querida — levantei meus olhos ainda mais confusa — ele está apaixonado por você meu bem, e não é de hoje — afirmou

— Não — levantei — ele não pode estar apaixonado por mim, ele era

amigo de James Su

— Alícia, me desculpa dizer, mas James morreu, ele não está mais aqui — engoli em seco

— Eu vou tomar banho, fique aí que eu já volto

— Não, eu já tenho que ir, vou no centro resolver uns assuntos e só volto mais tarde, passe lá em casa comigo amanhã pra pegar o horário da entrevista, é depois da manhã — assenti e ela veio me abraçar

— Você precisa esquecer o passado Alícia, precisa seguir em frente menina, é tão jovem, cheia de vida... Tem um mundo pela frente.

— Eu vou tentar Su, prometo que vou tentar

Ela sorriu antes de sair me deixando perdida em pensamentos e emoções, algumas já eram conhecidas, mas outras... haviam se tornado distantes com o passar dos anos.

...

— Alícia Albuquerque — a jovem de olhos castanhos e cabelos negros me chamou.

Eu era a última entrevistada do dia, quando cheguei — as 8h da manhã — havia mais de 20 moças ansiando pela vaga, todas altas e bonitas, algumas mais inteligentes, outras mais burrinhas. Mas todas que saíram daquela sala tinham um sorriso abobalhado e olhar apaixonado no rosto, não

saberia dizer o porquê, mas entendi assim que entrei.

Quem estava realizando a entrevista era o Sr. Lorenzo que de senhor não tinha nada. O homem deveria ter no máximo uns 33 anos, e era lindo demais. Deveria ter 1,80 de altura, corpo bem malhado, cabelos lisos que iam até os ombros e olhos cor de mel que brilhavam tanto quanto seus cabelos sedosos.

Ele abriu um sorriso galanteador para mim e eu entendi quase que imediatamente o porquê de nenhuma das outras 20 garotas não terem sido contratadas.

Ah, mas eu não ia cair nesse joguinho de sedução barata, não ia mesmo, eu precisava muito daquele emprego. Mesmo que aquele homem fosse um deus.

— Srta. Albuquerque — sua voz era sedutora e gentil, ele me acompanhou até dentro de sua sala

— Bom dia Sr. Lorenzo — falei assim que entramos

— Alícia, será que posso chamá-la assim? — neguei rapidamente

— Estamos numa entrevista Sr. Lorenzo — disse séria, compreensão passou pelos seus olhos ao constatarem que eu descobrira seu jogo barato.

— Claro, claro — começou a entrevista, ele tentou fazer gracinhas mais algumas vezes, sendo insistente e bastante convincente, porém eu o

cortava logo, precisava tanto daquele emprego que a beleza dele pouco me importava naquele momento.

— Gostei de você Alícia — arqueei uma sobrancelha — ora, seja mais flexível — abriu um sorriso — você passou no teste, não precisa manter essa pose profissional agora, apesar de eu ter apreciado isso em você.

Meneei a cabeça com um pequeno sorriso

— Isso é pouco perto do que enfrentará trabalhando para o senhor Maldonado, os clientes e acionistas podem ser bem piores, precisava saber se você seria persuadida por eles — deu ombros com um sorriso relaxado, aquele sim parecia tão verdadeiro que sorri junto — ela sorri — brincou — lindo sorriso — fechei a cara novamente — o trabalho é seu Alícia

Arregalei os olhos surpresa, eu realmente não pensei que fosse conseguir

— Sério? — ele assentiu — muito obrigada Sr. Lorenzo, não sabe como preciso desse emprego, e desculpe pela forma como o tratei, sou mais bem humorada na maioria do tempo — brinquei rapidamente — eu agradeço de verdade.

— Só desculpo se me chamar de Luiz, e você é qualificada para o cargo — abri um sorriso tímido para ele.

— Claro, Luiz

— Melhor assim, então vamos falar sobre o seu cargo — assumi a pose profissional novamente.

Ele me explicou que eu seria secretária executiva do Sr Alexandre Maldonado, trabalharia diretamente para ele e ninguém mais, porém muitas vezes ficaria responsável pelos outros departamentos dada a função do meu futuro chefe, ele me avisou que eu teria de dar duro no emprego, principalmente porque estava começando agora e o Sr. Maldonado iria testar minha competência para o cargo, logo pude entender que meu chefe não seria tão legal quanto Luiz.

Luiz me alertou que o Sr. Maldonado seria sempre profissional comigo, então que eu não pensasse que fosse implicância pois não era. Luiz me avisou também que eu nunca, jamais, deveria tratá-lo com qualquer tipo de intimidade, pois seria logo demitida. As últimas 4 seis secretarias foram demitidas por esse motivo.

— Mas ele é tão mal-humorado assim? — soltei um risinho incrédula

— Pode apostar — olhou o relógio — está na hora do almoço, quer ir comigo? — fiquei calada — assim poderemos terminar essa conversa e eu lhe mostro o restaurante que poderá almoçar quando estiver trabalhando, ou pra você pedir quando estiver muito ocupada — meneei com a cabeça e saímos

A moça de olhos castanhos me olhou com uma sobrancelha arqueada, como se não esperasse que eu fosse passar pelo teste, sorri para ela, procurei seu nome no crachá, ela se chamava Isabella. Isabella abriu um sorriso gentil.

— Bem-vinda Srta. Albuquerque — me estendeu a mão, retribui o aperto e saí conversando amenidades com Luiz, senti que teríamos uma relação excelente e uma amizade duradoura.

O restaurante no qual ele falara era simples e elegante, tinha um certo aconchego e conforto que nos fazia se sentir em casa, me apaixonei por lá quase que imediatamente.

— Amei esse lugar, tenho certeza que quando não estiver em casa ou no meu futuro emprego estarei aqui, vamos ver se a comida é boa agora né — Luiz sorriu enquanto pedia nosso almoço.

— A comida daqui é ótima, até mesmo Alexandre come aqui, e eles aceitam o vale da empresa — levantei às sobrancelhas feliz com a notícia, o almoço estava tão caro — então quase todo mundo come por aqui, você vai gostar da maioria do pessoal, são quase todos muitos gentis

— Espero que sim — e eu realmente esperava, odiava não me dar bem com as pessoas, mas parecia que eu tinha uma chama para isso.

Luiz começou a me contar coisas da sua vida, e como estávamos fora da empresa ele parecia leve, relaxando, mais ele mesmo. Soube que ele tinha

uma namorada chamada Liz e uma filha de 9 anos que se chamava Rebecca, ou Becca como preferia, era divorciado a 5 anos e sua ex-mulher era um embuste.

Falei pouco sobre mim, mas comentei da minha bebê e ele logo quis conhecê-la, ficamos de marcar um dia para sair com as crianças, ir para o parque ou um balneário.

— Luiz, foi um prazer conhecer você querido, obrigada pelo almoço também — ele sorriu me puxando para um abraço

— O prazer foi meu Alícia, e não esqueça que começa na segunda-feira e que precisa passar no RH na quinta-feira para assinarmos sua carteira, e me mande mensagem para eu lhe passar as últimas instruções depois — assenti saindo do carro.

Ele insistira em me deixar em casa, e como não queria o atrasar ainda mais deixei, se bem que eu morava a poucos quilômetros do centro da cidade já que o condomínio que Carlos me deu era muito bem localizado.

A primeira coisa que fiz ao chegar no prédio foi buscar minha princesa no apartamento de Suzie, ela estava comendo banana amassada enquanto assistia Barbie, me encheu de beijos e perguntas antes de me deixar conversar tranquila com Su.

Contei a Suzie que realmente havia conseguido o emprego e que Luiz

que era quem havia me entrevistado e meu agora colega de trabalho era um homem maravilhoso, mas meu chefe por outro lado parecia ser um verdadeiro carrasco pelo pouco que ouvi. Ela me abraçou feliz e me desejou muita sorte com o chefe, começamos a acertar os horários dela com Manu.

— Mas não precisa colocá-la na creche ainda Alícia, ela é muito novinha — reclamou

— Vai ser bom pra ela Su, quero que ela aprenda a se socializar melhor, para quando for pra escola não ter problemas, e ela é esperta

— Mas você só vai gastar menina — resmungou mais uma vez, sorri

— A empresa oferece auxílio para aqueles que tem criança, então eles tem creches associadas, não é o máximo — ela abriu um sorriso sorris

— Não fica assim Su, sempre que pudermos ela vem passar um tempinho aqui com você

— É.

Su era uma ciumenta de carteirinha, não queria que ninguém sem ser ela, Carlos ou eu cuidasse da Manu, eu sabia que parte dessa proteção vinha pelo fato de ela cuidar da pequena desde que nasceu.

— Ela te ama demais, e ninguém nunca poderá mudar isso — apertei sua mão.

— Eu sei — seus olhos estavam brilhosos pelas lágrimas não



derramadas.

...

No dia seguinte Carlos apareceu em casa pela manhã, ainda bem cedo.

— Não te vi ontem — murmurei quando ele entrou

— Estava resolvendo algumas coisas na sede daqui — respondeu tranquilo

— Você está bem? — franzi o rosto

— Perfeitamente — sentou relaxado no sofá

— Hum, tá bom então — fui pra cozinha fazer meu desjejum

Liguei o fogo e espalhei a tapioca na frigideira

— Porque você está fugindo de mim Alícia? — perguntou atrás de mim, sua respiração batendo nos meus cabelos

— E-eu? — disse trêmula, engoli em seco tentando sair daquela enrascada.

— Você mesma — sua voz estava tão rouca, sexy, senti todos os pelos do meu corpo de eriçarem com o contato de suas mãos na minha

cintura.

— Carlos — falei ofegante — pare com isso por favor

— Você me quer Alícia, eu te quero, que mal há em ficarmos juntos?  
— é, que mal?

Me atrapalhei com meus próprios pensamentos, só voltando a lucidez quando senti o cheiro de queimado inundar minhas narinas

— Droga, olha o que você fez! — briguei saindo finalmente — ou não — do seu aperto

— Eu te deixo nervosa ruiva, excitada — falou no meu ouvido, o hálito quente e fresco.

— Por favo-or

— O quê? — suas mãos adentraram minha camiseta

— Me deixe — minha voz saiu firme — me desculpa Carlos, eu não consigo, mas nunca lhe dei esperanças, tampouco sabia que desejava ter algo comigo — fui sincera

O ouvi grunhir em frustração atrás de mim, seus passos rápidos andando em círculos, a respiração rápida e ofegante

— *Porra*, todo mundo percebe! Alícia eu me apaixonei por você, você sempre tão linda, delicada, uma excelente mãe, me encantei por tudo em

você — sua voz saia baixa e aflita

— Mas eu nunca lhe dei motivos Carlos! — exclamei me virando para ele — eu nunca lhe dei esse espaço, sempre fomos amigos, me desculpe

— Eu vejo como reage a mim, e não diga que não, não sou cego!

Suspirei alto

— Eu sou mulher Carlos, e estou sem um homem a anos, como quer que eu reaja? É natural — menti, eu não reagia assim a outros homens

— Podemos dar certo, eu só estou lhe pedindo uma chance, somente uma — havia súplica em seus olhos

— Eu não posso, não consigo, e não quero, sinto muito — fui firme — não quero que deixemos de ser amigos, e você o padrinho da minha filha por conta disso, mas peço que esqueça, por favor Carlos, nossa amizade é mais importante, você não acha?

Ele virou de costas para mim, os ombros tensos. Céus, porque eu não lhe dava uma chance? Ele poderia me ajudar, ser meu refúgio, me tirar dessa angústia. Mas eu nunca conseguiria olhar para ele sem enxergar James, era impossível.

— Tudo bem Alícia, mas eu preciso de um tempo pra mim, não vou deixar de vim ver Manuella, sabe que eu a amo

— Eu agradeço Carlos, seria horrível se ela tivesse o coração partido,

você sabe o quanto ela te ama não sabe? — ele assentiu, e quando virou para mim seus olhos estavam vermelhos

— Carlos — fui até ele e o abracei forte — me perdoe, me perdoe, eu não queria lhe magoar — ele retribuiu meu abraço, e permanecemos assim por alguns minutos, apreciando a companhia um do outro, sabendo que nunca mais nada seria igual.

# CAPÍTULO 4

Carlos embarcou para *New York* três dias depois do episódio na cozinha, não conversamos mais a respeito, mas ele estava distante, não conversava comigo, só vinha em casa levar Manuella para passear, conversou com ela que só poderia voltar no final do ano, no natal, ela bateu o pé chateada, mas no fim aceitou.

No aeroporto foi um chororô que não tinha fim, de todas as partes, lembro de lhe abraçar forte e pedir perdão mais uma vez, ele me abraçou de volta e disse que estava tudo bem, que só precisava de um tempo para si.

Eu também já havia passado no RH da empresa e sido admitida no cargo, a maioria do pessoal foi muito gentil, mas não me senti confortável com ninguém.

Eu não era tão receptiva assim.

No final de semana fui a praia com Manuella, ela adorava fazer castelinhos de areia, tomamos muita água de côco, voltamos para casa com marquinhos perfeitos e cabelos completamente arruinados.

Na segunda-feira, às 5h da manhã eu já estava de pé, não havia conseguido dormir bem a noite por conta da ansiedade pelo meu primeiro dia

na empresa, e também por finalmente poder conhecer o famoso Alexandre Maldonado, todos temiam seu nome, as meninas do RH me parabenizaram pelo cargo, porém senti certo receio em suas palavras, mas uma coisa era certa, eu estava em maus lençóis.

O espelho refletia minha versão mais profissional de mim mesma. Eu vestia uma calça social preta que caía descentemente pelas minhas pernas longas, a blusa branca com os primeiros dois botões abertos e o terninho fechado acentuando minha cintura fina, nos pés *scarpins* negros e reluzentes.

A maquiagem simples e delicada realçava meus lábios e cílios. Os cabelos presos num coque alto e perfeitamente alinhado deixavam meu pescoço nu. Meneei com a cabeça gostando do resultado. Peguei a bolsa de couro branco e coloquei meus documentos, dinheiro, celular e notebook, pus uma pasta também, para o caso de haver necessidade, nunca se sabe.

O relógio marcava 6h quando levei Manuella desacordada para a casa de Suzie, ela elogiou minha vestimenta e me desejou boa sorte levando minha bebê para a cama, a agradei e saí do prédio rapidamente. Luiz me disse que eu deveria estar na empresa as 7h da manhã em ponto, ele iria me repassar os assuntos mais importantes e tudo o que precisaria saber para meu primeiro dia. O expediente começaria oficialmente às 8h30 da manhã, mas ele me afirmou que eu sempre deveria estar no mínimo as 8h na empresa.

O metrô estava absurdamente cheio, eu passava no meio das pessoas sufocada, se eu tivesse claustrofobia certamente teria um ataque naquele momento, o ambiente chegava a ser sufocante de tão apertado. Faltando 20 minutos para as 7h eu já estava na empresa, e curiosamente Luiz também já estava

— Bom dia — lhe dei um beijo no rosto — pensei que fosse demorar mais — olhei meu relógio de pulso

— Sou o segundo a chegar nessa empresa mocinha — franzi o nariz

— E quem é o primeiro? — perguntei curiosa

— Alexandre — arregalei os olhos levantando as sobrancelhas, eu estava lascada mesmo.

— Me tire uma dúvida Luiz — perguntei quando pegamos o elevador — por acaso o Sr. Maldonado é muito pontual?

Ele abriu um sorriso largo e cheio de más notícias

— Terrivelmente, se for se atrasar é melhor que nem venha trabalhar, a não ser que tenha um motivo muito justificável.

As portas do elevador se abriram

— Vamos pegar seu crachá e depois subimos pra minha sala ok — ele não perguntava, informava.

— Ok

Pegamos o crachá com a foto que eu havia tirado na quinta-feira, eu estava até bonita.

Alícia Albuquerque

secretária executiva.

Respirei fundo

Era um bom cargo, um excelente na verdade, eu só esperava que conseguisse o preservar com o chefe que tinha.

Nas 1h20 que Luiz e eu ficamos trancafiados em sua sala eu consegui ficar a par de quase todos os assuntos do mês, Luiz me aconselhou a ler os relatórios dos anos anteriores, me deu uma piscadinha e eu soube que aquilo me ajudaria daqui pra frente.

Eu havia recebido um telefone, um iPod e uma caderneta para trabalhar na agenda do Sr. Maldonado, fiquei preocupada em não conseguir organizar tudo na empresa — o homem parecia mais ocupado que o presidente dos Estados unidos — mas Luiz disse que eu poderia levá-los para casa sem problemas.

Às 8h20 pegamos o elevador novamente, dessa vez subindo para o 12º andar, o penúltimo andar, que era completamente do meu chefe e meu. Engoli em seco ao descobrir essa informação.



Esfreguei as mãos na calça social pela terceira vez e Luiz me olhou sério

— Você precisa se acalmar ou vai se dar mal, respire fundo e seja profissional Alícia — me alertou, suspirei e fechei os olhos antes de assumir minha pose profissional e carrancuda.

— Eu vou lhe mostrar sua sala, deixe suas coisas lá enquanto falo de você para Alexandre, quando entrar se apresente novamente e passe a agenda dele com precisão — disse enquanto andávamos.

Fiz tudo o que Luiz me orientou, antes de entrar dei duas batidas na porta, ouvi um “entre” baixo e rouco.

Eu esperava tudo, menos que meu chefe fosse terrivelmente gato e mexesse tanto comigo. Digo isso pois no segundo em que seus olhos gélidos repousaram sobre mim em análise eu travei, senti meu coração acelerar e o suor descer pela nuca.

Alexandre Maldonado era um homem com H maiúsculo, a pele clara e levemente bronzeada entravam em contraste com a blusa branca que usava, o terno havia sido colocado na cadeira a minha frente, os cabelos pretos eram medianos, mas tinham certos charme quando ele meneava a cabeça para o lado os levando junto, os seus olhos, com certeza foi o que mais me chamou a atenção, duas esferas azuis gélidas, o nariz fino e arrebitado, os lábios finos e

rosados, ele parecia ter sido esculpido pelos deuses.

Engoli em seco e forcei minhas pernas a andarem até sua mesa.

— Bom dia Sr. Maldonado, me chamo Alicia Albuquerque — disse séria e reta, voltando ao profissionalismo.

Ele continuou me olhando, a expressão calma e terrivelmente fria, uma das mãos segurava o queixo, nos seus olhos não haviam maldade ou qualquer luxúria, era uma análise de perfil, era o mesmo olhar que James e Carlos usavam quando estavam trabalhando.

— Eu sei quem você é — falou firme — passe logo a agenda por favor, eu tenho muito o que fazer para ficar perdendo tempo com você

Trinquei os dentes.

Babaca gostoso

Engoli meu orgulho, mas empinei o nariz antes de falar todos os seus compromissos, passei também a agenda da manhã do dia seguinte e perguntei se ele desejava algo a mais

— Faça um relatório do balanceamento do último mês e me entregue no fim do dia — ele não me olhava, analisava algo no computador a sua frente.

Pegou uma caneta e começou a escrever algumas coisas

— O que ainda está fazendo aqui? — perguntou deitando os ombros na poltrona me olhando com deboche — Se eu precisar lhe chamo

— Sim senhor — virei e saí da sala furiosa

Durante o restante da manhã me empenhei em terminar o *maldito* relatório, era muita coisa, e nem que eu quisesse conseguiria entregar aquilo hoje, quando o horário do almoço estava chegando eu me lembrei das palavras de Luiz sobre o restaurante.

“pra você pedir quando estiver muito ocupada”

Ele realmente sabia como as coisas funcionavam por aqui, procurei o número da secretária dele na agenda e assim que encontrei, liguei e perguntei se ela poderia me passar o número do restaurante, ela soltou uma risada fofa do outro lado e me deu o número, agradei e voltei ao trabalho depois de fazer o pedido.

O jeito seria comer e trabalhar, eu precisava mostrar que eu era qualificada e que tinha capacidade e competência pra usufruir do cargo que ocupava.

Quando o relógio marcou 15 pras 5h eu havia terminado o relatório, imprimir e grampeei o documento antes de bater na sala do Sr. Maldonado.

Ele havia saído no horário do almoço e arqueou a sobrancelha quando me viu comendo de cara para o computador, o vislumbre de um sorriso

passou pelo seu rosto, mas foi rápido o suficiente para que eu não visse. Quando voltou eu estava no mesmo lugar, me pediu para imprimir alguns contratos e depois que eu os entreguei se enfiou no escritório assim como eu fiz na minha sala, afundando no trabalho.

— Pode entrar

— O relatório que o senhor me pediu — lhe estendi, ele pegou e folheou as páginas rapidamente, não demorando nem 10s em cada uma.

— Refaça-o e seja mais objetiva no próximo, a Srta têm até amanhã — jogou o documento para mim.

Inferno

Bati os pés irritada e saí da sua sala

Droga de homem chato e perfeccionista

Respirei fundo depois de rasgar todos os papéis e joga-los no lixo, liguei o computador e recomecei a droga do relatório.

Se ele não o recebesse eu o mataria, juro que o mataria.

...

— Você está péssima — Luiz falou ao entrar no elevador

acompanhado de Isabella que sorriu amarelo para mim como se soubesse exatamente pelo que eu estava passando.

— Você não me falou que ele era tão irritante — frisei o dedo em sua direção enraivecida, ele riu

— Se você o aguentar essa semana consegue tirar o trabalho de letra Alícia. — apertou meu ombro, o olhei com um bico

— Ah, Isabella obrigada pelo número, de novo — agradei mais uma vez, ela riu baixinho e meneou com a mão um “deixa para lá”

— Se precisar é só chamar querida, já estive na sua pele — levantei as sobrancelhas surpresa — eu fui secretária dele por um mês, não o aguentava mais quando a ex-secretária do Luiz saiu, eu conversei com ele e o Sr. Maldonado e vim trabalhar com o diretor mais bonzinho — piscou para ele que sorriu convencido — não me arrependi

— Sorte a sua — resmunguei

O elevador se abriu

— Boa noite para vocês e até amanhã — falei saindo da caixa metálica

— Até — disseram em uníssono descendo para o estacionamento subterrâneo

Segui para o metrô e meia hora depois estava chegando em casa, já

passava das 7h30min quando busquei Manuella na casa de Suzie, conversei brevemente com ela não demorando a descer para o meu apartamento.

Tomei um longo e relaxante banho antes de pegar o notebook e terminar o *maldito* relatório, eu o entregaria sem nenhuma ponta solta, sem paralelos, seria perfeito. Nem que eu passasse a noite em claro para isso. Usaria todos os meus conhecimentos para que ele saísse perfeito. Eu era uma boa aluna na faculdade, só estava um pouco enferrujada, mas isso iria mudar.

# CAPÍTULO 5

Ele havia aceitado o relatório.

Ele havia a-c-e-i-t-a-d-o!

Quando cheguei no escritório as 7h54 da manhã de terça-feira ele já estava lá. Eu tomava o copo de café que havia trazido de casa, estava morta de sono, não havia pregado o olho a noite inteira e estava acordada a base de cafeína. Já havia bebido quase uma garrafa inteira antes de sair de casa.

Meu humor estava igual há um furacão. Explosivo.

Eu deixei minha bolsa na mesa junto com meu café e retirei a pasta com o documento e o iPod para repassar sua agenda.

O observei através das paredes de vidro, parecia alheio ao mundo a fora, perdido, encarava o computador mais não parecia estar verdadeiramente ali, dei ombros e entrei sem bater mesmo

— Bom dia Sr. Maldonado — ele levantou os olhos lentamente como se soubesse que eu o observava segundos atrás.

— Bom dia Srta. Albuquerque — relaxou na poltrona como sempre fazia quando eu ia falar com ele, olhou o relógio de pulso e disse — seu expediente ainda não começou

— O seu também — rebati e ele se calou sem argumentos

— Certo, o que temos para hoje? — passei sua agenda normalmente, ele tinha duas reuniões pela parte da manhã e uma videoconferência a tarde

— A Srta sabe falar inglês? — perguntou num meio sorriso.

Ah querido, nessa você vai se dar mal

— Inglês, espanhol e português — sorri cínica, eu estava adorando provoca-lo

Ele abriu um pouco mais os olhos, mas não chegou a arregala-los

— A Srta é brasileira? — perguntou apoiando os cotovelos na mesa, o assunto pareceu interessá-lo

— Nasci e cresci na Espanha, morei nos Estados Unidos e agora passando um tempo aqui no Brasil — troquei o peso da perna

Ele passou a mão nos lábios

— É só isso — me mandou embora com um gesto

— Aqui está o relatório que pediu — puxei o documento

Ele me olhou por cima dos óculos e leu o arquivo em poucos minutos

— Parabéns, está muito bom — elogiou friamente, nem poderia dizer que foi um elogio devido a amargura de suas palavras, apertei os olhos

— Mais alguma coisa?



— Sim, quero que se atualize sobre a empresa, leia todos os relatórios dos anos anteriores e depois faça relatórios semestrais.

— Já estou fazendo isso senhor — segurei meu pulso na frente do corpo

Ele abriu a boca e depois a fechou

— Continue então, e me entregue o mais rápido possível — quando ia me virar para sair ele disse — organize a sala de reuniões para a primeira reunião, não esqueça de imprimir os documentos para os acionistas.

Obrigada Luiz, muito obrigada.

...

Na hora do almoço liguei para Su perguntando sobre Manu, ela disse que minha menina estava brincando

— Me deixei falar com ela rapidinho

— Claro querida — ouvi ela chamar Manuella que pegou o celular agitada

— MAMÃE — berrou — tô com saudade da *senhola* — sorri

— Mamãe também princesa, a noite vou pedir uma pizza bem gostosa

pra gente, o que acha?

— Humm, de *queijo* por favor

— Do que você quiser bebê — olhei o relógio — mamãe precisa ir  
agora

— Ahhhhh — sua voz saiu triste, partindo meu coração

— Daqui a pouco mamãe já chega bebê, se comporte

— Tá bem

— Mamãe te ama — levantei da mesa indo pagar a conta

— Também te amo mamãe

Paguei o almoço e fui numa creche integral que havia visto na internet mais cedo.

O local era grande e seguro, os empregados todos gentis e atenciosos, conversei com a coordenadora e marquei de vim visitar na semana seguinte, se tudo desse certo antes do mês começar Manuella já estaria devidamente matriculada.

Se ela estudasse lá ficaria muito melhor para o caso de qualquer emergência já que a creche ficava a três quadras da empresa. Fora a saudade que daria para matar entre os intervalos.

Ficar o dia longe dela estava me matando, e eu só estava no segundo

dia de emprego.

...

No final daquele dia eu estava acabada, meus pés doíam por conta do salto, e eu já havia amaldiçoado seus criadores milhares de vezes, via a hora de dar calos em meus pés.

Gemi frustrada.

Faltava 30min para o expediente acabar, eu estava numa correria só, diferente do que eu imaginei o dia foi corrido e puxado, e não foi pelo fato do meu chefe ser um perfeccionista arrogante gostoso, ele nem mesmo havia me azucrinado, penso até mesmo que ficou com pena de mim, parecia que todos os departamentos haviam resolvido reportar problemas, fazendo com que meu dia fosse um inferno.

Não parei sentada quase nenhum minuto — tirando o horário de almoço — tudo em mim doía, e a certeza de que eu não conseguiria continuar a ler aqueles relatórios hoje se tornava mais certa a cada segundo que passava, eu estava esgotada.

E para piorar ainda mais minha noite o Sr. Maldonado aconteceu na porta da minha sala com um sorriso amarelo proferindo as palavras que

arruinaram meus sonhos com meu sofá fofinho e um balde de água morna para os pés.

— Srta. Albuquerque tem como ficar até mais tarde hoje? Gostaria que me ajudasse em alguns contratos — meus ombros quase caíram em desânimo, eu disse *quase* pois não poderia passar aquela impressão.

Abri um pequeno e forçado sorriso

— Sem problemas

— Ótimo, pegue suas coisas e venha para a minha sala

Ao passar pelas portas duplas que nos separavam observei o cair do sol entre as nuvens, os tons quentes sendo substituídos pelos frios fazia tudo ser mais fascinante. Senti meu corpo relaxar ao se deparar com a paisagem tão bela.

— É lindo não é? — me assustei ao ouvi-lo tão perto de mim.

Suas mãos adentraram os bolsos da calça social

— Eu gosto de apreciar a natureza, é um belo espetáculo, principalmente aqui de cima — andou até a borda de sua mesa, pegou alguns papéis e seu notebook

Eu permanecia parada ainda perto da porta quando ele se aproximou de mim, tocando meus ombros

— Podemos ficar no sofá? Seria mais confortável — parou ao ver que eu nada dizia — você deve estar cansada, vi que não parou durante o dia — assenti devagar, eu estava mesmo cansada, e saber que ele reparou naquilo, ou melhor, ter certeza, fez algo se acender em mim. — ótimo

Ele me conduziu até o sofá, que segundos descobri ser um sofá-cama, sentou e tirou a gravata azul meia-noite que permanecia entocada durante o dia, já que ele havia tido três reuniões.

No pouco tempo que trabalho com ele, pude perceber que odeia ficar dentro de ternos e gravatas, sempre que tem oportunidade fica sem, imagino que deva o incomodar, eu poderia dizer o mesmo dos meus saltos, mas uma parte de mim os adorava imensamente, mesmo que maltratassem tanto meus pés

— Sente-se logo — apoiou os cotovelos nos joelhos e passou a mão no rosto tirando os óculos, massageou-os lentamente e imaginei o quão cansado ele deveria estar, uma coisa que eu nunca poderia dizer sobre ele era que não trabalhava, não. Ele suava para se sentar naquela poltrona e ter aquela placa em cima da mesa.

Era um excelente profissional, até ontem não podia dizer isso pois eram só palavras dos meus colegas, hoje elas se tornaram minhas.

Aquele homem era sensacional, ele havia nascido para administrar,

liderar, comandar. A forma como apresentava seus projetos, desenrolando e juntando cada pontinha, não deixando brechas para erros, o pensamento rápido e eficaz para responder qualquer pergunta era fascinante. E eu estava tão encantada com a sua maneira profissional de ser. De ser tão ele e ao mesmo tempo não.

Pisquei e fiz o que ele mandou, sentei no sofá porém com uma distância considerável dele, não queria ser antiprofissional e acabar sendo demitida.

Coloquei minhas coisas na pequena mesa ao meu lado, puxei minhas cópias dos contratos e abri o notebook sem olhá-lo novamente.

Estava viajando demais quando olhava para ele, e isso não podia acontecer.

— Por onde quer começar? — perguntei abrindo o documento

— Com você tirando isso que chama de sapato — chocada me virei para olhá-lo, a expressão tão calma que me deu medo. Franzi as sobrancelhas

— Não precisa senhor, estou bem assim — me remexi desconfortável

— Tenho certeza que não, sintá-se a vontade, já está passando do horário de saída, não vai querer ficar o resto da noite com eles — afirmou, suspirei derrotada e os tirei lentamente.

Meus pés estavam vermelhos e com indício de pequenos calos.

— Droga — murmurei — desculpe, eu não queria...

— Tudo bem — me interrompeu dando ombros — então, eu estava analisando alguns parágrafos do contrato e....

A noite de passou rápido, o senhor Maldonado era um ótimo companheiro, o clima estava leve e agradável, e eu nem mesmo vi as horas passarem, tanto que quando vi o relógio me assustei 10h da noite.

— Está tudo bem? — perguntou quando pegamos o elevador, eu estava agoniada

As ruas eram perigosas a essa hora, na verdade elas eram em qualquer horário, mas a noite as coisas eram mais tensas. E ainda tinha Manu, havia prometido que iríamos jantar juntas naquela noite.

— Sim, nada com que deva se preocupar — ele abriu um pequeno sorriso.

E foi impossível eu não sorrir junto, seu sorriso era lindo, os cantos de seus lados repuxados levemente para os lados perto da barba rala.

Até mesmo seu rosto era profissional, mas ao mesmo tempo tão encantador, tão bonito.

— Boa noite senhor Maldonado, até amanhã — me despedi saindo do elevador quando senti seus dedos segurarem meu braço levemente me causando uma onda de arrepios — precisa de algo? — levantei a sobrancelha

disfarçando meu nervosismo

— Você mora muito longe? — neguei

— É perto, uns 30 minutos de carro — falei querendo saber aonde ele queria chegar

— Vamos, eu te deixo em casa — me puxou para dentro novamente, respirei fundo.

Eu não estava entendendo meus próprios sentimentos

Mas sabia que havia algo ali, havia algo em mim que desejava ele.

Ele é um homem bonito — repeti a mim mesma que era somente isso, e nada mais.

Era nisso que eu queria me apegar.

O carro do senhor Maldonado era sofisticado, moderno e preto, o mais recente modelo da *Hyundai* podia se associar a toda a beleza do meu chefe. Que não era pouca, mas até mesmo aquele carro maravilhosamente luxuoso não se comparava a ele

Ele abriu a porta para mim entrar e eu o olhei com um sorriso debochado, o assisti revirar os olhos e dar a volta no carro.

— É um bom condomínio, tenho um apartamento lá — falou após eu lhe passar meu endereço



— Eu gosto bastante, é bem calmo e organizado, nunca tive problemas — puxei meu celular afim de verificar as horas.

Não conseguiria jantar com Manu hoje, teria que recompensar minha filha outro dia

— Tem algum compromisso? — o olhei com um ponto de interrogação no rosto — você parece agoniada, e vive verificando as horas

Me senti envergonhada, céus, e se ele pensasse que eu não gostava de sua companhia ou que não me importava com meu emprego?

— Me desculpe senhor Maldonado — ele fez um gesto de tudo bem com uma das mãos, apertou os olhos e disse

— Seja o que for que tenha que fazer irá se atrasar, estamos num congestionamento

— Oh droga — joguei a cabeça para trás — Manu vai me matar

Ele não disse nada ao meu lado, somente encostou a cabeça na janela e fechou os olhos

# CAPÍTULO 6

## SEIS MESES DEPOIS

— Como foi a escolinha? Fez alguma amiguinha? — peguei Manuella no colo

— Foi tão *bacana* mamãe, eu *adolei*, fiz um, dois! Dois amiguinhos! — contou nos dedos arregalando os olhos, sorrindo estalei um beijo na sua bochecha gorducha

— É mesmo. Como eles se chamam? — atravessei a rua com atenção, o tráfego estava intenso nesse horário.

— Bernardo e Bianca, eles são *irmãos* mamãe

— Que legal *mi amor*, e você gostou da sua professora?

Continuamos a conversar sobre o seu primeiro dia na creche até chegarmos em casa. Pedi uma pizza GG de queijo, e fiz uma limonada bem gelada enquanto Manu se trocava, ela havia aprendido muitas coisas nesses meses em que eu estive focada no trabalho, Suzie a havia ensinado tomar banho sozinha, se vestir, pentear seus longos cabelos avermelhados — dava trabalho — e arrumar sua cama — não ficava muito arrumada, mas ela tentava — eu percebi minha *niña* amadurecer mais, e estava feliz com esse

progresso.

Esperava que isso se reforçasse na creche, pois não queria que ela tivesse problemas quando fosse adentrar na escola, mas pelo que eu estava vendo Manu ia se sair bem.

Suspirei ao me encostar na pia, estava cansada, ou melhor exausta.

Alexandre por incrível que pareça continuava um chefe babaca, idiota, arrogante e gostoso, muito gostoso por sinal. Ele já não me tratava tão mal assim, me chamava até pelo nome — me dando a mesma intimidade — acho que deve-se ao fato de passarmos muito tempo juntos — de segunda a sábado — fora os horários extras, que nos últimos tempos tenho ansiado desesperadamente.

Eu não conseguia acreditar que tinha virado esse tipo de secretária, gamada no chefe. Quase revirei os olhos, mas uma vozinha fofa me tirou dos meus pensamentos

— Vamos assistir Tinker Bell mamãe? Aquele que a Tinker encontra a *hermana* dela — assenti

Sim, Manuella estava num cursinho de espanhol para crianças da idade dela. Eu poderia tê-la colocado no inglês logo pois é o idioma internacional e quase que obrigatório no currículo, mas preferi lhe ensinar primeiro minha língua natal, eu estava gostando de treinar com ela nos nossos

tempos livres — que eram quase nulos — e praticar um pouco o idioma que eu tanto amava quase morto em mim.

Limpei as lágrimas que caíram quando vi que Tinker havia quebrado a asa, mas logo depois, quando ninguém tinha mais esperança ela renasceu com sua irmã, quando grudaram suas asas fazendo com que as de Tinker cicatrizassem.

Olhei elas se abraçarem e acariciei a cabeça da minha pequena bebê que dormia profundamente, era sempre assim, sentávamos — ou deitávamos — para assistir o filme e Manuella acabava dormindo em todos os finais, com isso sempre assistíamos ao filme duas vezes — ou mais quando ela gostava.

Desliguei a tevê e deixei o controle no braço do sofá, passei meus braços debaixo do corpo da pequena menina a minha frente e a levei até o quarto que agora era decorado por coisas da sua mais nova *fadinha* preferida, Tinker Bell.

Ajeitei sua cabeça no travesseiro e liguei a central de ar deixando numa temperatura agradável, arrumei seu edredom mais uma vez, liguei o abajur e saí fechando a porta cuidadosamente para não espanta-la.

Quando saí do banheiro o relógio de parede marcou 9h da noite, suspirei desanimada ao pensar que estava cheia de trabalho, tanto que havia trazido para casa. Amanhã seria um dia corrido com certeza.

Alexandre estava com a agenda muito cheia nesses últimos meses, ainda mais por ser final de ano, todo mundo estava querendo comprar ou planejar a casa nova, e ainda tínhamos os projetos dos novos condomínios. Com tudo isso ele não estava dando conta do trabalho sozinho e acabava descarregando tudo em mim.

Eu estava trabalhando em dobro nos últimos meses, e o pior é que as coisas só iriam acalmar em janeiro, estalei o pescoço cansada. Eu já não dormia bem, agora então, se conseguisse pregar o olho por mais de três horas por dia era muito.

Eu chegava cedo e saía tarde, almoçava na empresa, e levava trabalho pra casa quase todos os dias, isso pra não ter que trabalhar no domingo.

Eu tentava compensar Manu nesse dia, geralmente íamos a praia ou para o shopping, ela se acabava nos brinquedos e eu descansava na cadeira sem ter nada para fazer.

Vesti meu *baby doll* lilás e calcei as pantufas fofinhas, nos últimos meses os saltos tem sido meus inimigos fazendo com que eu começasse a usar sapatilhas em alguns dias, o que só acontecia duas vezes na semana pois geralmente íamos visitar terrenos ou verificar o andamento das obras.

Puxei o notebook para o meu colo em cima da cama e comecei a fazer o relatório geral daquele mês, que deveria ser entregue amanhã na reunião

com os acionistas da empresa.

Ainda tinha que fazer os slides pra um grupo de investidores do exterior. Eles vinham de LA, Alexandre queria fisga-los logo, não dando chance para a concorrência.

Suspirei ao lembrar do dono dos meus pensamentos mais pecaminosos, ele era o único que conseguia me manter nos eixos e ao mesmo tempo me tirar de lá. Eu queria estar sempre capacitada para estar ao lado dele, queria impressiona-lo, eu buscava a sua aprovação.

Enquanto trabalhava me pegava com ele nos meus pensamentos, sabia que ele não era casado, nem tinha namorada, filhos também não existiam, embora ele fosse apegado com uma sobrinha, ela era linda, se chamava Luyzi e sempre vinha aqui na empresa visitá-lo.

As vezes eu conseguia me imaginar ao seu lado, na verdade, eu sonhava com isso nas poucas horas de sono que tinha — nem ali estava imune a ele — e eu me via com uma família novamente.

Mas sabia que eram só sonhos, Alexandre nunca havia me dado espaço para nada em sua vida sem ser no quesito profissional, por muitas vezes já o peguei me olhando, mas nunca saiu disso.

Eu tinha medo que o amor nunca mais batesse em minha porta, pois na dele eu batia constantemente.

...

Amarrei os cabelos ruivos de Manuella num rabo de cavalo alto e apertei antes de solta-la

— Mamãe vem ver você mais tarde tá? — me agachei ficando do seu tamanho, ela olhou para os lado e assentiu sapeca.

Toquei seu narizinho branco

— Se comporte, e aprenda a *hablar español mi niña* — beijei sua testa e peguei minha bolsa que estava no banco amarelo

— *Xau* mamãe — acenei de volta para ela antes de sair da creche já verificando meu relógio de pulso.

5min para às 8h

Apressei os passos, eu tinha que entregar os relatórios que fiz ontem a noite para Alexandre antes da reunião começar.

Cheguei no saguão da empresa suada, acenei para a moça da recepção que nunca aprendi o nome, antes de entrar no elevador.

Eu estava péssima, cabelos desgrehados, maquiagem suada e posteriormente borrada, roupa amassada, e rosto vermelho. O sinônimo do

desastre em pessoa

Quando o elevador se abriu no meu andar joguei minha bolsa em cima da mesa de qualquer jeito e já fui passando pelas portas duplas sem nem mesmo falar com Alexandre, sabia que ele estava ali pois sentia seu perfume.

Malbec.

Aquela fragrância me enfeitiçava loucamente

— Alexandre, aqui está o relatório geral desde mês, eu já fiz os slides também — falei a última palavra num sussurro, franzi o cenho ao vê-lo tão cabisbaixo.

Eu não conseguia reconhecer o homem que estava na minha frente.

Cabelos desgrenhados, roupa amassada — a mesma de ontem — o rosto perturbado.

Cheguei mais perto da sua mesa e senti o cheiro do álcool inundar minhas narinas.

— Alexandre? — chamei o homem que parecia não me ver me vendo.

Rodeei a mesa preocupada com ele

— Alexandre! Meu Deus do céu homem — me agachei ao seu lado tocando seu rosto, seu olhar estava perdido, aflito — Alexandre, olha pra mim — pedi — por favor



Ele pareceu acordar, tirou minha mão do seu rosto, recuei temerosa.

— Saí daqui — esbravejou

Engoli em seco, não sabia o que tinha acontecido, mas com certeza não era nada bom.

— Alexandre, você precisa estar arrumado para a reunião com os acionistas daqui alguns minutos — falei devagar, ele não me olhava

— Alexandre...

— EU JÁ MANDEI SAIR! — me assustei e recuei batendo na mesa de vidro atrás de mim

—Mas... — o olhar que ele me lançou me deu calafrios

Saí da sala sem olhar para trás, liguei para Luiz e contei tudo o que havia acontecido, ele me falou que era uma semana difícil para Alexandre, mas não disse mais que isso. Fiquei curiosa, mas não quis ser indiscreta.

— Mas o que eu faço Luiz! A reunião é daqui exatamente 21 minutos, Benjamin não está aqui também, sabe que ele viajou para Portugal ontem, droga!

Benjamin era o vice presidente da empresa, ele havia ido ver as obras da nova filial que teríamos em Lisboa, geralmente Alexandre ia, mas dessa vez foi diferente,

*santa mierda*

— O substitua, eu não posso pois tenho uma reunião em 5 minutos, você sabe que esse mês está todo mundo ocupado, não tem ninguém para *quebrar seu galho* tão em cima da hora — murchei ao ouvir suas palavras

— Mas Luiz, eu nunca tomei frente de nada — respondi temerosa, a verdade era que eu estava com medo de não conseguir apresentar e ser ridicularizado e demitida

— É uma reunião simples Alícia, e eu vou te dizer uma coisa, se prepare pra assumir ou desmarcar todos os compromissos de hoje e amanhã, ele não vai melhorar agora — respirei fundo — se eu fosse você, aproveitava a oportunidade para mostrar sua capacidade de manter tudo nos trilhos mesmo sem ele, você consegue, só precisa se acalmar — soltou uma risadinha

— Okay, vou fazer isso — respondi olhando o relatório a minha frente.

— Nos vemos depois — a linha ficou muda.

Nos era possível que eu não conseguisse apresentar aquilo, eu lembro como era boa na época da faculdade, e eu tinha um ponto a meu favor.

Era eu que havia feito o relatório, sabia tudo de có e saltiado.

Respirei fundo e fui até a copa preparar uma xícara de café, eu ainda

tinha alguns minutos. No caminho vi que a sala do Sr. Maldonado estava com as janelas de vidro escurecidas.

Eu realmente queria saber o que havia acontecido com ele, que aquilo não era de hoje eu já tinha uma noção, pelo que Luiz disse, mas então, desde quando? E porque?

...

A reunião havia sido ótima — embora a ausência de Alexandre — os acionistas perguntaram por ele assim que eu pisei na sala, mas eu consegui dobra-los dizendo que ele havia pegado um resfriado e prossegui com o cronograma.

Como estava a par de todos os assuntos da empresa consegui representar Alexandre com maestria, no final recebi muitos elogios e cumprimentos.

No final do dia a notícia já havia se espalhado por toda empresa, eles faltavam colocar um banner na frente do prédio. Quem me contou isso foi Luiz e Isabella que tinham ouvido muitos comentários nos outros andares, insinuaram até que eu estava dormindo com o chefe — já que sabiam que ele

estava na empresa — neguei pra eles rindo, mas como eu queria que aquilo fosse verdade.

Quando o expediente finalmente terminou eu suspirei aliviada, iria poder pegar minha menina na creche e ir para casa sem trabalho pra fazer — o que era raro

Juntei minhas coisas, já estava indo para o elevador quando vi uma luz ligada no escritório de Alexandre — depois do almoço não havia visto ele mais.

Entrei na sala escura e fui até o abajur acesso, o puxei da tomada e passei os olhos pelo local procurando algo de errado.

Eu me virava quando senti um corpo coligar com o meu

Um grito escapou pelos meus lábios assim que senti suas mãos em mim.

James.

Eu só conseguia lembrar daquele dia, meus olhos se arregalaram e um soluço saiu do minha boca.

— Me solta! Me solta! SOCORRO! SOCORRO — bati os punhos em seu peito, mas ele não lutava contra mim

— Calma! ALICIA! Sou eu *porra!* — reconheci a voz de Alexandre, dei um passo pra trás atordoada

— Alexandre? — sussurrei

— Sim! Sou eu, quem mais seria?

— Não sei — balancei a cabeça confusa — não sei

Fechei os olhos, mas só vinham imagens de James sendo carregado por aqueles bandidos.

Eu estava zozua

— Você está pálida! Meu Deus! — me pegou pelo braço

— Me solta

— Se sente então — levantou as mãos

Minutos se passaram até que eu pudesse me acalmar, eu não conseguia ter sossego, paz, e acho que nunca mais poderia ter.

Precisava falar com Carlos, só ele poderia me ajudar.

— O que fazia aqui dentro? Nesse escuro? — perguntei o olhando

Alexandre parecia estar normal, não era como se tivesse passado o dia igual um defunto aqui dentro. Estava limpo, penteado, de roupa lavada e passada, e cheiroso.

Ele coçou o queixo

— Eu passei o dia aqui Alícia — falou como se fosse óbvio

— Não, depois do almoço você saiu, eu lembro de não lhe ver aqui

dentro — esfreguei meu rosto com as duas mãos

— Eu estava no quartinho — deu ombros

— Tá, não importa, eu preciso ir — me levantei ainda confusa.

Eu só queria minha filha, só ela me daria paz.

— Precisa de alguma coisa? — me espantei ao ouvir sua pergunta, era sempre ao contrário, por motivos óbvios demais.

Neguei rapidamente

— Mas obrigada, até amanhã Alexandre

No elevador eu fechei os olhos e permiti as lágrimas descenderem, eu nunca iria esquecer aquilo, nunca.

# CAPÍTULO 7

— Mamãe porque o papai foi pro céu? — foi o que Manuella me perguntou naquela manhã.

Parei de mexer seu mingal por pelo menos três segundos antes de desligar o fogo

*Que diabos?*

— Filha, porque você quer saber disso hein? — a vi apertar os bracinhos atrás das costas, ela sempre fazia isso.

— Uma menina perguntou pelo meu pai, eu disse que ele tinha ido ficar com o papai do céu, e ela me perguntou porque — seus olhinhos brilhavam e a boca estava num biquinho adorável

Como ficar chateada com essa garota?

Me abaixei até ficar do seu tamanho, peguei suas mãozinhas e falei calmamente

— Bebê, a mamãe não sabe direito — fui sincera — mas o papai cuidou da gente, ele fez aquilo porque se preocupava, acho que jesus estava precisando dele lá em cima não? — ela pendeu a cabecinha para o lado abrindo um pequeno sorriso

— Acho que sim

Suspirei quando a vi correr para o quarto arrumar sua mochila rosa

Manuella estava no limite da curiosidade esses dias, no final acho que a creche não a fazia tanto bem quanto eu queria. Na verdade a quem ela fazia mal era a mim, minha menina não tinha tantos problemas assim, eu por outro lado...

— Toma todo seu mingal tá bem? Mamãe vai terminar de se arrumar e já volta

— Tá — falou com a vizinha fofa

Vesti uma saia lápis cinza e uma blusa social branca, me olhei no espelho mais uma vez e puxei o lenço cinza da gaveta, rodeei meu pescoço e fiz um nozinho.

Calcei meus scarpins pretos e fui pentear meus cabelos, os deixaria soltos hoje pois estava com tanta dor de cabeça que maltrata-los naquele amarrado apertado não ajudaria em nada.

Quando fui me maquiar passei bastante corretivo debaixo dos olhos, minhas olheiras estavam escuras demais, só a base não dava conta. Apliquei três camadas de rímel e finalizei com o blush rosinha.

Estava pronta para a batalha

Peguei minha bolsa — já arrumada — e segui para a sala aonde Manu



assistia desenho

— Terminou de comer tudinho? — ela assentiu rápido — Tá bom então, vou confiar em você viu? — apertei sua bochecha sorrindo — Pega sua mochila lá no quarto pra gente ir

— Já volto mamãe — correu para o quarto

— E não esquece seu tablet! — gritei quando ela sumiu pelos corredores

Desliguei a tevê e fui verificar se as portas e janelas estavam todas fechadas, eu tinha adquirido essa mania a algum tempo, não conseguia ficar em paz se não olhasse-as antes de dormir e sair, era uma espécie de TOC.

Depois de verificar todas as portas e janelas saí de casa com Manuella, no caminho ela ficou me contando as histórias de seus desenhos, eu somente balançava a cabeça e concordava que eles eram maravilhosos, não dava pra contrariar essa menina.

Na creche a professora me chamou e me falou que algumas “amiguinhas” de Manuella a estavam chamando de órfã, alegando que seu pai tinha a abandonado, aquilo partiu meu coração. Eu tinha consciência de como a escola poderia ser cruel.

Pedi providências imediatas pra professora, aquilo não podia continuar, mas ela não parecia tão preocupada assim, somente quando

ameacei levar a história a justiça que ela assumiu um tom profissional e prometeu resolver essa questão.

Manu me olhava com os apreensivos e apertava os lábios rosados agoniada, as mãos atrás das costas e uma postura vacilante.

— Desculpa mamãe — falou assim que me sentei ao seu lado, peguei suas mãozinhas

— Filha — acariciei seu rosto — porque não falou isso pra mamãe? Hum?

Ela olhou para o lado e depois de alguns segundos calada respondeu.

— *A senhola* não gosta quando eu falo do papai — sussurrou a última palavra

Me senti mal naquele momento, era tudo culpa minha, respirei fundo

— Não é assim meu bebê, eu só... — olhei para os lados procurando justificativa, não tinha — eu prometo que a partir de hoje isso vai mudar tá bem? O que você quiser saber, a hora que quiser hum?

Ela abriu um sorriso e me abraçou, tão forte e apertado que fez com que eu me sentisse um lixo por tê-la privado disso, a privado até mesmo de saber sobre o seu pai, eu estava sendo tão injusta, me protegendo daquilo e me esquecendo dela.

— Obrigada mamãe, eu te amo — falou no meu ouvido

— Mamãe também te ama bebê — segurei as lágrimas, eu ainda tinha que ir para o trabalho, e chegar toda borrada não era uma opção.

— Agora a mamãe tem que ir trabalhar, na hora do almoço eu ligo pra você tá bom?

— Uhrum

— E não é pra mexer no tablet na hora da aula mocinha — ela fez um biquinho fofo — só quando estiver no recreio — apertei seu narizinho pequeno

— Ahhhhh, tá — pegou sua mochila e acenou antes de ir pra sala, a professora a acompanhava da porta me observando atenta.

Era bom que ela estivesse atenta mesmo, porque eu não deixaria outra passar, não deixaria mesmo.

...

Pela primeira vez desde que comecei a trabalhar para Alexandre eu estava atrasada, sabia que ele não perdoaria essa, ele detestava atrasos, e tínhamos uma conferência logo cedo, ainda precisava passar alguns documentos para ele.

*Santa mierda*

Era um péssimo dia pra se atrasar

Pensei assim que entrei na empresa, algumas cabeças viraram para acompanhar meu trajeto apressado, tinha certeza que eles pensavam o mesmo que eu.

Seria demitida hoje

8h28min

Eu não ia chegar a tempo, não ia mesmo!

Apertei o botão do elevador com pressa e rapidez, mas ele parecia estar de brincadeira com a minha cara porque parava em todos os andares possíveis.

Eu deveria estar com uma péssima cara, pois todos torciam o rosto quando me olhavam, não me importei

Quando eu finalmente consegui sair da caixa metálica o relógio marcava 8h34min

4 minutos de atraso, fechei os olhos e calmamente deixei minha bolsa em cima da mesa, peguei meu iPad e os documentos necessários pra reunião que começaria em 11 minutos e andei até as portas duplas que me separavam de Alexandre.

Se fosse para mim ser demitida não faria isso na pressa, não mesmo.

Abri a porta lentamente e entrei sendo inundada pelo seu perfume.

— Bom dia Sr. Maldonado — falei assim que o vi, Alexandre estava analisando algo em seu computador e não fez a mínima questão de levantar os olhos para mim — me desculpe pelo atraso, tive alguns contratemplos, mas prometo que isso não irá se repetir — minha soava calma e suave, eu tentava a tudo custo esconder meu nervosismo.

Ele finalmente levantou a cabeça para me encarar, seus olhos percorreram todo meu corpo, parou no lenço em meu pescoço e depois voltou a encarar meus olhos. Entrelaçou os dedos e permaneceu com expressão serena quando me dirigiu as seguintes palavras

— Eu só não vou demiti-la porque sei que provavelmente algo sério aconteceu para se atrasar já que isso não é recorrente, e espero que continue assim — foi como se um peso saísse de cima de mim, soltei o ar que nem sabia que prendia e abri um mínimo sorriso — sua sorte é que você é mais daquilo que eu preciso — murmurou num meio sorriso

— Obrigada — agradei e comecei a passar sua agenda, quando terminei de lhe falar sobre as pautas que seriam apontadas na reunião ele me disse

— Espero você lá — deu uma piscadinha e saiu da sala me deixando

completamente excitada

*Droga hombre caliente*

Ajeitei minha sala e respirei incontáveis vezes antes de puxar uma cópia dos documentos para mim e correr para recepcionar os clientes e acompanhá-los até a sala de reuniões.

...

Eu estava arrumando alguns documentos quando Alexandre apareceu na porta

— Largue isso aí e vamos almoçar — desci os olhos pelo seu corpo, ele estava encostado na batente da porta, os braços cruzados sob o peito e um olhar questionador.

Gostoso de carteirinha! Engoli em seco quando o encarei novamente, podia até mesmo sentir minha face se avermelhar de tamanha vergonha.

— É... Claro, vamos senhor — me apressei a levantar da cadeira e segui pra fora da sala de arquivos.

Alexandre estava agindo de maneira estranha comigo a alguns dias, mas necessariamente desde *aquele* dia, quando ele estava tão arrasado. Eu

não cheguei a tocar no assunto com ele e muito menos com Luiz, não quis ser indiscreta, se nenhum deles tinha vindo falar comigo ou justificar o ocorrido é porque não era da minha conta.

Mas a curiosidade me corroía, eu necessitava saber o porquê dele ter ficado assim.

— O que devo pedir senhor? — perguntei com a mão no telefone da minha mesa

— Já lhe disse pra me chamar de Alexandre — murmurou atrás de mim, perto demais. Suspirei

— C-certo

— Diga — mandou ao pé do meu ouvido, senti um arrepio correr por todo meu corpo.

— Alexandre — sussurrei meio ofegante, podia sentir sua respiração perto do meu pescoço.

Sua mão pousou na minha cintura com delicadeza

— Vamos almoçar fora — puxou meu corpo para longe da mesa, me fazendo ficar próxima demais do seu corpo.

Fechei os olhos me deliciando com a sensação, Alexandre era demais pra qualquer mulher, sexy demais, sensual demais, arrogante demais e lindo pra caramba! Ele era a realização de um sonho quente e molhado, e que nesse

momento me apreciava com os olhos famintos e desejosos



## CAPÍTULO 8

Senti meu coração falhar na última batida quando ele me puxou um pouco mais para si, levantei a cabeça e senti minha nuca bater em seu queixo. Virei o rosto e me deparei com sua boca esculpida pelos deuses

Fina e rosada

*A la mierda*

Engoli em seco e tentei acalmar as batidas descompassadas do meu coração.

— Vamos Alícia? — um sorriso presunçoso se espalhava em seu rosto, fechei os olhos por um instante e respirei fundo.

Eu não podia cair nessa. Não podia! Só faltava o meu maldito coração saber disso, e o corpo também, corpo traidor!

— Claro!

Ergui meu queixo e passei por ele indo buscar minha bolsa em cima da mesa. Não o olhei quando entramos no seu elevador, busquei meu celular dentro da bolsa e verifiquei as horas tentando colocar meus pensamentos em ordem.

Não era certo eu ficar flertando com Alexandre, ele era meu chefe e

poderia me demitir a qualquer momento, continuaria na mesma posição na qual se encontrava enquanto somente eu me prejudicaria. Embora não achasse que ele fosse capaz disso, Alexandre me parecia ser aqueles homens certos e justos que encontramos uma vez na vida só.

Eu já tinha encontrado três, deveria estar perto de morrer.

Tá, tudo bem que ele era meu sonho de consumo, meu desejo supremo e o motivo das minhas calcinhas molhadas. Mas só isso não supriria meus anseios, eu era uma mulher romântica, coisa que ele não parecia ser, e tinha Manu também.

Não que ela fosse um empecilho para mim, mas não era só eu, eu carregava uma pequena *niña* comigo, não poderia fazer as coisas pensando somente em mim, tinha que saber como ela se sentia sobre isso.

Apertei meus dedos em torno do celular até que eles ficassem esbranquiçados, quando levantei a cabeça percebi Alexandre encarar fixamente meus lábios.

Decidi abrir a boca afim de querer quebrar aquele silêncio constrangedor, mas Alexandre num movimento rápido me encurralou na parede metálica, apertou algo atrás de mim e desceu suas mãos em minha cintura

Eu poderia infartar a qualquer momento

Okay.

Quantas vezes eu não tinha imaginado aquilo? Várias, mais do que eu poderia contar na verdade. Mas *santa mierda* que droga era aquela que eu estava sentindo?

Meu coração parecia querer sair pela boca enquanto minhas pernas vacilavam fazendo com que ele me prendesse ainda mais entre suas pernas.

Seu corpo tão quente perto do meu era uma deliciosa tortura

Alexandre desceu os lábios até meu pescoço e começou a deixar beijos molhados, gemi em resposta

Como era gostoso, *¡santo Dios!*

Abri a boca buscando ar e retomei a consciência por um segundo, somente o suficiente para me fazer chamá-lo

— Alexandre! — minha voz saía como um sussurro

— Fale querida! — mordiscou minha pele, a resposta foi diretamente em meu clitóris.

Estava enlouquecida.

Depois de tantos meses o desejando finalmente estava conseguindo o que sempre quis

— Isso é err...aí *Dio mío* — gemi quase que desesperada quando sua

mão desceu entre as minhas pernas tocando meu ponto pulsante por cima da calcinha, me tirando qualquer resquício de razão.

Eu estava tão molhada!

E mais nada importava naquele instante

— Eu vou beijar você Alícia — ele não me pedia, mas sim informava o que ia fazer comigo. Assenti rápido em resposta, parecia desesperada, desesperada por um beijo seu.

Quando seus lábios tocaram os meus foi como se o mundo parasse de existir, e tivéssemos só nós dois, eu sentia arrepios se espalhando por todo meu corpo.

Ele me beijava com ferocidade, dureza, desejo, loucura, sua língua era quente e macia, me acariciava para depois me atacar com velocidade e aspereza.

Gemi quando seus dedos adentraram minha calcinha, afundando em minha fenda quente e molhada. Ele acariciou meu clitóris devagar, e conforme aprofundava seu beijo seus dedos adentravam meu canal apertado.

— Ah Alexandre, aí ¡*Santa mierda!*— gritei quando ele voltou a tocar meu clitóris inchado

Segurei em seu pescoço e puxei seus cabelos afundando meu rosto em seu ombro

— Olhe pra mim enquanto goza pequena — mordiscou o módulo do meu ouvido enquanto me masturbava com rapidez puxando meus cabelos para trás me obrigando a encarar aquelas íris azul-oceano

— Alexandre, eu vou, eu vou....

— Goze pequena Alícia, goze gostoso para mim — meu corpo respondeu a sua voz e quando rebolei novamente em seus dedos um orgasmo se explodiu em meu ventre.

A sensação se esvaiu segundos depois, e a vergonha me atingiu em cheio, Alexandre ainda distribuía beijos na minha nuca quando a consciência do que fizemos me veio a tona

*Mierda, mierda... Santa mierda*

— Senhor Mald... — ele me interrompeu antes que eu continuasse.

— Agora eu sou senhor Alícia? Assim você me ofende querida — um pequeno sorriso se expandia em seu rosto

Eu não sabia se sentia raiva ou vergonha. Estava envergonhada sim, nunca, em toda minha vida me imaginei fazendo uma coisa dessas! Ainda mais com um homem que fosse meu chefe, e em um elevador!

Cristo!

Ah, elevadores sempre fizeram parte dos meus fetiches

— O gato comeu a sua língua? — falou pausadamente, os olhos divertidos e um sorriso safado iluminavam seu rosto

Ergui o queixo

— Não comeu não

— É, tem razão... — aproximou sua boca ao meu ouvido — quem comeu foi outra coisa

Estufei o peito chocada com sua audácia

— Ora seu... — sua mão apertou o botão atrás de mim me impedindo de prosseguir.

Arrumei minha roupa amassada enquanto ele se afastava para o outro canto pondo as mãos no bolso.

— *Cretina* — falei quando o elevador se abriu no primeiro andar

— Um cretino gostoso e irresistível, não minta — falou enquanto andávamos pelo saguão, sua mão na curvatura da minha coluna faziam com que os rostos se virassem para nós ver

Ótimo! Ainda seríamos o assunto da semana!

...

Durante o almoço agimos de maneira extremamente profissional, o motivo? Alguns empresários se juntaram a nossa mesa, atrapalhando completamente meus planos de tirar aquela história a limpo.

Eu sentia seus olhos me queimarem a todo instante, Alexandre parecia desvendar todos os meus segredos, até mesmo os mais íntimos.

E isso me assustava, eu não queria me entregar novamente a um amor e o ter arrancado de mim, não queria e não podia sofrer novamente.

E foi com esse pensamento que permaneci durante toda a tarde. O tempo parecia estar conspirando contra nós, pois sempre que eu abria a boca para falar sobre o assunto *elevador* algo acontecia, alguém chegava, ligava, ou qualquer outra coisa que pudesse nos atrapalhar

Por isso acabei deixando nossa conversa para amanhã, respirei fundo quando passei pelas portas duplas do saguão e encontrei o ar frio da noite, fazia tempo que não me sentia assim.

Com aquela emoção no peito, adrenalina correndo nas veias, aquela sensação gostosa de ter alguém para te provocar, te querer, te desejar.

Fechei os olhos e expirei fundo sentindo o ar frio e gelado inundar minhas narinas tocando minha garganta. Andei tranquila em direção ao metrô, Suzie havia ido buscar Manuella para mim hoje mais cedo, disse que ia levá-la ao parquinho e depois iriam comer no MacDonald's, então esse era

uma preocupação que não se fazia presente nos meus pensamentos, pelo menos hoje não.

Passei as mãos nos meus braços tentando me aquecer, e observei alguns casais agarrados, se esquentando um no outro. Fazia tanto tempo...

A imagem de Alexandre veio na minha mente, me lembrando do que havia acontecido, havia uma conexão tão grande ali, em nós dois, eu podia enxergar aquilo enquanto olhava nos seus olhos.

O que eu mais queria era ter alguém, mas ao mesmo tempo isso se tornava tão impossível, eu não conseguia me compreender.

*Bi-biii*

Me assustei com o barulho alto tão perto de mim, coloquei a mão no peito sentindo meu coração acelerar, bem mais ainda depois de ver quem estava dentro do carro.

— Alexandre... — sussurrei me perdendo em seus olhos, um sorriso se abriu em seu rosto e meu coração se aqueceu.

Como eu era tola!

Idiota!

— Entre aí pequena Alícia — engoli em seco corando pelo apelido, olhei para os lados procurando algo que não veio, então abri a porta do carro.



Que seja o que Deus quiser, e que ele tenha misericórdia da minha alma, pois eu bem que vou precisar

## CAPÍTULO 9

Alexandre não pronunciou uma palavra desde o instante que entrei em seu carro, eu já começava a me sentir desconfortável quando seu telefone tocou, e ele me pediu licença.

Ele trocava algumas palavras com a pessoa do outro lado da tela, mas nada que revelasse quem era, e eu só conseguia admirar o homem que ele era, ainda mais depois do episódio de hoje. Apesar de eu ter tido vontade de mata-lo por seu deboche eu o adorava, Alexandre era um solo seguro, eu sabia que poderia me apoiar nele se tivéssemos um relacionamento, mas será que eu estava preparada para isso? Manuella? E principalmente, ele queria?

Segundos depois da ligação começar ela terminou, rápido e preciso, Alexandre era assim, eficiente e qualificado naquilo que fazia. Em tudo.

Quase me bati por ficar imaginando coisas indecentes com ele ao meu lado.

Mas imagina, se aquele homem já era assim num elevador, todo atrevido, pense entre quatro paredes.

Engoli em seco e desviei meus olhos dos seus, eu o encarava por tempo demais.

— Pra onde estamos indo? — perguntei depois de me dar conta que não havia lhe dado meu endereço, não sabia se ele ainda lembrava, e já seguíamos para o lado sul da cidade

— Estou lhe levando para casa pequena — quase gemi ao ouvir a última palavra, mordi meu lábio inferior com força, a forma que ele falou soou *caliente*.

### *Droga hombre caliente*

Um homem dirigindo um carro é algo comum, comum demais, eu pensava isso antes de andar de carro com Alexandre. Não sei explicar direito, mas a forma como ele dirige é sexy, extremamente sexy. Suas mãos entorno do volante são sexys pra *caralho*, seu aperto é firme e deixa o monte de veias em evidência me fazendo salivar.

Seus braços ficam ainda mais musculosos e seu rosto sério e atento ao trânsito é uma das mais belas visões do céu e inferno, absolutamente lindo, gostoso, magnífico, perfeito e droga! Ele tinha que ter tirado o terno e arregaçado as mangas justamente hoje.

Não, não, não, Alícia Albuquerque para com isso, você não deve, ou melhor, não pode.

Ah Deus!

Eu só posso estar ficando louca, o homem todo sério aqui do meu

lado, centrado, e eu igual uma tarada discutindo algo que nem existe, não sou normal não, preciso me internar hoje mesmo.

O riso saiu dos meus lábios sem que eu pudesse me conter, e ver a cara de interrogação que ele fazia me fez gargalhar e chorei, chorar mesmo.

— Aí! — pus a mão na boca tentando me calar

— Por Deus Alícia! — falou meio que sorrindo, meio que sem paciência.

Minutos mais tarde e depois de um copo de água que Alexandre fez questão de ir comprar no posto de gasolina em que paramos — pois ele não conseguia dirigir com serenidade comigo rindo que nem uma hiena, palavras dele, não minhas — eu finalmente consegui parar, céus, eu era tão patética!

— Parei, sério — falei respirando fundo, ele arqueou uma sobrancelha, e eu pude admirar seu rostinho bonito por mais alguns segundos antes dele assenti e ligar o carro

— Você não está bem, pode ficar rindo assim, mas... — negou apertando os lábios

Pensei por alguns instantes antes de respondê-lo

— Eu... Vou melhorar — abri um sorriso falso vendo que não poderia falar nada melhor — não se preocupe comigo

Senti seus dedos abrirem minha mão, fazendo com que

entrelaçássemos nossos dedos, olhei para ele confusa

— Eu me preocupo Alícia — pausou enquanto virava numa rua — mas do que deveria, confesso.

Aquilo me pegou de surpresa, como assim produção?

— Não compreendo — neguei rapidamente, já podia sentir meu coração acelerar pelo que viria a seguir.

— Deixa pra lá, quem sabe outro dia — desviou os olhos dos meus.

Ele parecia tao diferente daquele homem do elevador, que me falou sacanagens e me fez gozar tão gostoso nos seus dedos, aquele era um Alexandre que eu não conhecia.

Quando comecei a trabalhar na empresa ele era um tremendo babaca, idiota, e eu já o xinguei de tantos nomes em todos os três idiomas que domino que nada mais o surpreendente, confesso que quis até mesmo aprender italiano só para irrita-lo, mas desisti.

Aos poucos eu consegui quebrar aquele muro que ele havia erguido, alguns copos de café e cupcakes da minha panificadora preferida foram essenciais nessa batalha, desse modo descobri que assim como eu ele é um amante de doces, apesar de exibir esse corpo sarado e sem gordura

*Se bem que nunca vi o pacote completo*

Enfim, tem o Alexandre babaca, que é um tremendo arrogante e me

faz de escrava, tem o Alexandre chefe-bonzinho que me traz café de vez enquanto e que me ajuda no trabalho, chegando até mesmo a massagear meus pés quando passamos o dia andando, tem o Alexandre centrado e extremamente profissional das reuniões, o diretor executivo fodão que usa aquele óculos que *porra*, me faz imagina-lo como um ator pornô.

Já vi o Alexandre melancólico também, que se afunda no álcool e esquece do trabalho, essa é a versão mais irresponsável dele, sem sombra de dúvidas.

Agora, Alexandre misterioso é novo, novo demais. Acho que melhor do que isso só vendo ele apaixonado.

Quase soltei outra gargalhada pelo pensamento

Pior que nunca tinha visto esse homem com mulher nenhuma, nem mesmo uma namorada ou parceira de *foda*. Amigas, ele também não tinha, não dava nem para desconfiar.

E olha que eu xeretava a sua agenda, telefone, até mesmo o apartamento dele.

Nunca tinha nada nem mesmo suspeito, e ele não tinha o que esconder, eu sempre procurava nomes diferentes em seus contatos, mas nada havia.

As vezes eu até mesmo cogitava que ele fazia de propósito, só para

me deixar curiosa, cheguei a pensar até em outro celular, mas não, ele não tinha.

Não conseguia acreditar que ele era solteiro, um homem como ele nunca era solteiro, tinha que ter alguma coisa que eu não sabia, precisava falar com Luiz o mais rápido possível, ele era o homem das fofocas.

— Está entregue — pisquei caindo na realidade

— Ah — *Ah*, meu Jesus amado Alícia, que merda é essa de Ah! Faz alguma coisa.

— Boa noite Alexandre, obrigada pela carona — abri um pequeno sorriso, sua covarde!

— Boa noite pequena, durma bem — deu uma piscadinha que me arrancou suspiros

— A-ah, claro, até amanhã — puxei minha bolsa do banco traseiro e quase corri para longe do carro.

Quando atravessei os portões do condomínio e olhei para trás, ele ainda estava lá.

...

Manuella chegou em casa por volta das 9h, abracei Suzie e a agradei por passar um tempo com a minha menina

— Ah, que nada querida! Eu vou viajar daqui a pouquinho, ver minha filha — seus olhos brilharam

— Sério, Meu Deus, que bom — apertei sua mão — e quando volta? — peguei o copo de café e lhe entreguei

— Depois das festas, no início de Janeiro já estou por aqui

— Vamos sentir saudades Su, não esquece de ligar viu? Você sabe que eu sempre esqueço, trabalho — ri sem graça, era uma verdade, minha cabeça vivia a mil e quinhentos, então não lembrava de nada, era tudo no despertador e na agenda, para poder não passar em branco.

— Sei como é, fico feliz que você tenha se dado bem lá

— É, me dei sim, graças a Deus — rimos

— Mamãe?

— Oi filha — lhe peguei no colo

— Eu *quelo* assistir *Backyardigans* — fiz um bico, já estava enjoada daquele desenho

— Mamãe já vai colocar, não vai dá um beijinho na tia Suzie? Ela vai



viajar daqui a pouco — Manu faltou pular do meu colo

— Tiia! A *senhola* vai me abandonar? — colocou as mãos na cintura e fez um biquinho fofo

Botei a mão na boca pra tapar o riso, Su arregalou os olhos

— Claro que não princesa! Vou passar um tempo com a minha filha, mas vou ligar sempre okay? — Manu a olhou por alguns segundos, apertou os beicinhos e depois assentiu

— É para ligar todo dia tá?

— Vou pensar no seu caso — Abraçou Manu

— Vai terminar de assistir seu desenho logo Manu, já tá na hora de dormir

— Mas eu nem *melendei mamá*

— Senta lá no sofá que eu já vejo isso — murmurei já cansada, o dia havia sido cheio

— Você parece cansada menina, vá dormir um pouco — se levantou — eu tenho que ir para o aeroporto agora, ligo pra vocês quando chegar — lhe abracei forte, Suzie era quase uma mãe pra mim.

— Claro, se precisar de alguma coisa é só chamar — meus olhos se encheram de lágrimas

— Oh, não chore criança — acariciou meu rosto com carinho — se cuide viu — assenti — amo vocês

— Nós também te amamos, vai logo se não eu choro — ri

— Tchau querida — me deu um último abraço antes de sair

Suzie era tão boa para mim, quase uma mãe, sempre preocupada comigo e Manuella acerca de tudo, chega a ser engraçado.

Acho que ela sente muita saudade da filha, sempre a vejo meio tristonha depois que fala com ela, espero que essa viagem não a faça mal, não gostaria de vê-la triste quando regressar.

Olhei para o teto e andei até a cozinha preparar o jantar de Manuella, essa menina anda comendo demais...

...

— Mamãe — olhei para ela que parecia indecisa

— Pode falar princesa — apertei suas bochechas e voltei a mexer na sua mochila

— Meu papai era bom? — parei o que estava fazendo e me voltei para ela com um sorriso nos lábios

Me ajeitei na cama dobrando os joelhos

— Ele era maravilhoso *niña*, um gentleman perfeito, me tratava igual uma princesa — ela arregalou os olhinhos e eu abri um sorriso enorme — me dava flores todos os dias, e cuidava de mim, em todos os momentos, seu pai era perfeito, vivia pra fazer as minhas vontades bebê — abaixei os olhos — ele me amava mais que a si mesmo, amava *a gente*, por isso não está aqui — virei o rosto para que ela não visse minhas lágrimas

— Nossa mamãe — a senti engatinhar na cama se achegando a mim — sabe de uma coisa, eu amo muitooooooooo o papai — me abraçou

— Oh filha — permiti que as lágrimas rolassem no seu afago — obrigada bebê — beijei seus cabelos — ele ama muito você também, aonde quer que ele esteja, nunca esqueça disso

James era o meu tudo, ele foi o homem dos meus sonhos, da minha vida, o meu único e eterno amor, e eu nunca vou encontrar um homem igual a ele nem que busque isso por toda a minha vida, mas mesmo assim, já era hora de seguir em frente, foram 4 anos, 4 anos sofrendo, chorando e gemendo com aquela dor no meu peito.

Tenho certeza que ele não ia querer me ver assim, jamais. Já havia passado da hora de recomeçar.

# CAPÍTULO 10

— MANUELLA! Se apresse filha! Mamãe vai se atrasar — falei agoniada, já eram quase 8h e eu ainda não tinha pegado o ônibus, por isso chamei um Uber pelo telefone, Alexandre me comeria viva desse jeito, se me atrasasse mais uma vez estava lascada, ainda mais na mesma semana.

— Calma *mamá*, já tô indo — respondeu arrastando sua mochila pela sala

— Pegou seu tablet? Carregador? — a vi arregalar os olhos e correr para o quarto

Ri dela, Manu era uma criança adorável, esperta e meiga demais, porém tão esquecida como eu.

Olhei o relógio, bati os pés nervosa

— Vamos filha — andei até sua mochila e a coloquei no ombro

— Pronto, voltei — falou ofegante, as bochechas rosadas pela correria

— Tá bom, o carro já chegou — disse lhe entregando a mochila e fechando a porta — Droga, você está atrasada bebê, vou ligar pra sua professora perguntando se você ainda pode entrar — entramos no elevador

— Mas mamãe, hoje não era o dia do passeio?

*Puta merda!*

— Que horas era para estar lá mesmo? — gemi num lamento

— Acho que 7h30min, é só olhar na minha agenda — tirou a mochila das costas procurando o caderno

— Aí filha, o que eu faço? Estamos fritas — saímos do elevador, ajudei Manu com a mochila enquanto ela procurava o informativo

— Aqui mamãe, toma — me entregou o papel no instante que entramos no carro

— Bom dia — cumprimentei o moço e lhe confirmei o endereço pedindo para ele ir o mais rápido possível.

Voltei meu olhar para a agenda de Manuella

*Droga, droga, droga! Mil vezes droga*

— Você vai para o trabalho da mamãe hoje tá? — ela abriu um sorriso animado — Pode tirar esse sorrisinho do rosto mocinha, é pra você se comportar ouviu?

Mandei mensagem para Luiz falando que Manuella iria comigo a empresa pois tive um imprevisto que se chamava minha péssima memória, ele riu e disse que não tinha problemas, pelo menos se ela ficasse quietinha e

não arranjasse confusão, marcamos de almoçar juntos e quando dei por mim já estávamos em frente ao arranha-céu

— Obrigada moço — passei o cartão na maquininha e me apressei em sair do carro e entrar no prédio

Peguei a mão de Manu e a guiei até o elevador privativo, algumas pessoas me pararam curiosas, perguntando de quem era a mocinha de cabelos ruivos e olhinhos verdes, eu somente abria um sorriso e dizia que ela era minha filha, a maioria ficava surpreso pois eu nunca havia comentado dela com ninguém a não ser Luiz e sua secretária, Isabella.

Manuella se abria na risada, encantando a todos, ela era como um farol, iluminava.

— O pessoal gostou de você mocinha — apertei seu narizinho com delicadeza — É pra se comportar viu, pelo amor de *Dios* Manuella não me faça passar vergonha — olhei o relógio, não estava atrasada.

Respirei aliviada

— Relaxa mamãe, eu vou me comportar direitinho — ergueu o queixo, sorri

— É bom mesmo! — deixei a ameaça com um sorriso enquanto deixávamos a caixa metálica

— Uau, aqui é tão grande — comentou abismada

— É sim — a levei até a minha sala — eu não fico aqui direito, mas essa é minha sala — a vi inspecionar o local — tem fones de ouvido na gaveta, agora me dá seu tablet aqui — coloquei a senha do wi-fi — fique caladinha assistindo seus desenhos nenê. — Peguei meu iPad e a caderneta em cima da mesa

— Tô com fome mamãe — fechei os olhos chorosa

*Dios*

— Já vou ver tá? Agora fica aí — sentei ela no sofá — se ficar com frio desliga a central, e se precisar de mim manda mensagem, ou liga, mas não venha atrás de mim, só se acontecer algo sério okay — ela assentiu

— Te amo mamãe — disse quando eu atravessava as portas duplas, mandei um beijo e segui para a sala do meu chefe gostoso

Entrei na sala com o coração acelerado, esperava que ele me desse tempo pra explicar, eu podia explicar.

O avistei com os braços cruzados sob a mesa, a postura séria de quase todos os dias, me olhou dos pés a cabeça no segundo que pisei na sua sala, engoli em seco e comecei meu discurso diário

— Bom dia senhor Alexandre — ele me interrompeu

— Quem é a menina? — perguntou sem rodeios, respirei fundo

— Minha filha — murmurei num sussurro, mordi os lábios nervosa.

*Merda*

Ele arqueou uma sobrancelha para mim e o vi franzir a testa

— Não sabia que tinha uma — comentou — Mas enfim — deu ombros — o que ela faz aqui? — coçou a barba rala

— Me desculpe senhor — abaixei a cabeça e juntei as pernas ficando ereta — eu me esqueci do passeio que aconteceria hoje, não tive com quem deixá-la...

O ouvi esbravejar algo, mas não o compreendi

— Tudo bem — levantou as mãos — mas trate de fazê-la se comportar — esfregou a testa agoniado — não quero crianças correndo — abri um sorriso grato

— Obrigada senhor, então... — comecei a passar sua agenda do dia, por sorte hoje não teríamos nada fora da empresa, somente reuniões administrativas.

As primeiras duas reuniões transcorreram bem, eu anotava todos os pontos principais no iPod, teria que entregar os relatórios daquelas reuniões no fim do dia, não podia atrasar nada pois o já estávamos para fechar o mês.

Somente quando Manu me ligou foi que eu me lembrei que não tinha levado o lanche para ela ainda, olhei de escanteio para Alexandre que lia e-mails no seu MacBook, rejeitei a ligação e mandei uma mensagem para ela



avisando que já ia vê-la.

Apertei as mãos melindrosa em pedir-lhe licença, Alexandre estava estranho hoje.

— O que foi? — tirou os óculos de leitura passando a mão no rosto, mordeu os lábios

— Eu posso me ausentar por 10 minutos? Prometo ser rápida — quase cortei minha mão pelo aperto

— Vá logo — me dispensou com um gesto

Andei apressada até a sala já ligando pra Luiz no caminho

— Oi, Luiz — fui logo com minha voz dengosa

— Hum, o que você quer? — ri entrando na sala sendo recebida com um aperto na cintura

— Você pode comprar um lanche para Manuella? Um não, vários — sentei no sofá com ela no meu colo — Por favor, Alexandre está estranho hoje, e Manu tá com fome, quebra essa por favorzinho

— Vou pedir para Isa ir comprar uma merenda okay?

— Ah, obrigada! Fico te devendo essa! — ajeitei os cabelos da pequena na minha frente

— De nada, tchau — desligou

— Ufa, desculpa mocinha — lhe abracei levemente — mamãe tá ocupada — abri um pequeno sorriso — Uma moça vem te trazer lanche, come tudinho que mais tarde vamos almoçar com o tio Luiz

— Tá — pulou do meu colo virando de costas, as mãozinhas suadas

— O quê Manuella?

— Eu não *quelo* ficar sozinha mamãe, fico com medo — confessou com os olhinhos brilhosos

Me abaixei ficando da sua altura, segurei suas mãos e disse — Mamãe tá aqui, e o papai do céu também, não precisa ficar com medo filha — acariciei seu rosto — está tudo bem *niña*

— Eu sei, mas...

— Mas?

— Eu não *quelo* mamá — começou a chorar, lhe abracei e senti suas lágrimas molharem minha blusa, fechei os olhos sentida por ela, eu era uma manteiga mesmo.

— Não fica assim bebê, mamãe vai ficar vindo aqui direto tá bom?

Seus lábios estavam dobrados num biquinho choroso

— Traga ela pra minha sala Alícia — Me assustei ao ouvir Alexandre atrás de mim encostado na batente da porta nos observando, só gostaria de

saber a quanto tempo.

— *¡Santo Dios!* Não me assustei assim — apertei Manuella em meus braços, mas a criança logo escapuliu do meu aperto indo se engraçar com Alexandre, era uma sapequinha mesmo.

— Oi — falou tímida a um passo de distância dele, observei aquela cena engraçada, ela tão pequenina e ele tão grande — meu nome é Manuella Albuquerque, mas me chamam de Manu, qual o seu nome?

A cena a seguir fez meu queixo ir ao chão.

Ele sorriu para ela, até aí tudo bem, eu mesma arrancava risos dele uma vez ou outra, e Manuella era encantadora, então isso não me surpreendeu.

Mas depois, quando ele se agachou ficando do seu tamanho, e a pegou no colo, limpando o rastro de lágrimas de seu rosto e dizendo as seguintes palavras meu queixo foi ao chão.

— Eu sou o chefe da sua mãe menininha, Alexandre Maldonado, mas pra você — apertou o narizinho dela com um sorriso galanteador — sou o tio Alexandre, ou Alex, você que sabe Ella.

Sério, eu não sei o porquê de eu estar exatamente chocada, pode ser pelo fato de que eu não sabia nada sobre Alexandre gostar de crianças, ou por ele ter pedido para Manu o chamar de tio e ele a ter apelidado, ou pior,

porque estou vendo coisas que não deveria, idealizando coisas que não posso se quer sonhar.

E o mais lamentável disso tudo é que eu queria tanto que fosse verdade, eu só queria que fosse verdade.

O sorriso de Manu chegava a ser contagiante de tão grande, é aquela alegria pura e cheia de verdade, coisa que só vemos em crianças, pois elas não tem maldade no coração, diferente de nós, que somos falhos e cheios de malícia.

Crianças eram puras, crianças eram o raio de sol que iluminavam a nossa vida.

...

Manuella estava sentada no colo de Alexandre desde que viemos pra sua sala, eles já merendaram, sim, *eles*, porque Alexandre fez questão de se lambuzar com o lanchinho do *MacDonald's* junto com ela. E agora Manu estava contando nossa vida para ele, e o melhor era que o mesmo não parecia se importar, até mesmo de saber todas as minhas manias

Como verificar as fechaduras antes de sair e dormir ou tomar chá de madrugada, cantar no chuveiro e chorar na TPM, e até mesmo o meu hábito

pela leitura — que estava dispersa esses meses — Eu deveria colocar uma fita na boca de Manuella, deveria mesmo.

Mas toda vez que olhava aqueles olhinhos esverdeados com aquele sorriso eletrizante no rosto eu ria, e meu peito se enchia de alegria, pois desde que Carlos viajou Manuella não havia estado assim, tão feliz, tão ela.

— Ahhhhh, a mamãe também me colocou no cursinho de *español*, y *siempre hablamos español in hogar* — tirei os olhos do MacBook ao ouvi-la falar meu idioma favorito.

Alexandre olhou para mim e riu baixinho, o encarei confusa e ele disse

— Você baba nela Alícia, é surpreendente como você olha pra ela, com tanto amor

— Eu a amo — afirmei convicta

— Sei disso — tirou Manuella do seu colo e a deixou em sua poltrona — fique aqui Ella, depois venho brincar com você princesa

— Tá bom — sua voz era tão fraquinha perto dele.

Mas de pequena aquilo ali só era de tamanho e idade, porque fazia um estrago danado a quem estivesse ao seu redor. Era difícil permanecer imune a Manu, ela tinha esse dom, de maravilhar a todos com suas palavras e olhinhos brilhantes.

Alexandre veio sentar do meu lado permanecendo em silêncio por alguns segundos, somente alguns segundos, mas eles não me prepararam para a pergunta que saiu de seus lábios.

Eu definitivamente não estava preparada

— Onde está o pai dela? — a caneta caiu das minhas mãos e o choque no meu semblante foi notável — Calma Alícia

Fixei meus olhos no chão aproveitando o momento para respirar, eu precisava respirar.

Falar sobre James nunca era fácil, nunca mesmo, mas eu conseguia conversar a respeito com algumas pessoas, como Carlos, Suzie e Manuella, só que eles eram minha família, Alexandre não. Ele era alguém que estava na minha vida a alguns meses, e seu único papel oficial era de chefe, não tínhamos tamanha intimidade.

— Eu não quero falar sobre isso Alexandre, me deixe em paz — olhei meu relógio de pulso e me levantei — tá no meu intervalo já — salvei o arquivo no computador e chamei Manuella

— Você vai fazer horário extra hoje — informou-me, assenti com o coração acelerado.

Alexandre não ia me deixar em paz enquanto eu não lhe contasse o que aconteceu.

E ao mesmo tempo que eu queria me abrir com ele tinha medo.

# CAPÍTULO 11

Luiz nos levou no shopping, almoçamos e depois aproveitamos o resto do horário para Manu brincar um pouco. Nesse meio tempo desabafei com ele toda minha vida, lhe contei tudo, sobre James, Carlos e Alexandre. Os três homens mais importantes da minha vida, o último por estar despertando sentimentos que só meu ex-marido foi capaz de despertar.

Ele me ouviu atento e sem pré-julgamentos, quando terminei de falar minha maquiagem estava toda borrada e as pessoas me olhavam de escanteio. Luiz me estendeu seu lenço de bolso branco, e eu o aceitei rapidamente, mas acabei manchando o pobre coitado de rímel e lápis de olho.

— Me desculpe Luiz — assoei o nariz segurando soluços — eu não sabia mais a quem recorrer, e você estava aqui, e confio em você, não sei porque — confessei, ele abriu um sorriso tímido

— Primero você precisa se acalmar, respira fundo e olha para mim — fiz o que ele pediu — Posso ser sincero com você?

— Pode — limpei o canto dos meus olhos — é claro que pode Luiz, pelo amor de Deus, eu preciso disso — falei perturbada.

— Você está fazendo tempestade num copo d'água. Mas eu a



entendo, olhe pra mim — falou quando desviei meus olhos, Luiz segurou minhas mãos e as acariciou de uma maneira que só um amigo faz, ali, naquele momento, eu me senti em paz

— James morreu, e o amor de vocês foi lindo, mas você precisa seguir em frente minha amiga, você precisa tocar sua vida para frente, você está parada no mesmo lugar que a quatro anos atrás, e eu entendo perfeitamente o fato de você não querer ter um relacionamento amoroso com Carlos. — pausou por um segundo — mas não entendo o porquê de você não tentar com Alexandre — eu ia lhe interromper quando ele apontou o dedo pra mim sério — e não use da desculpa de que ele é seu chefe ouviu mocinha! Eu trabalho com Alexandre a tempo suficiente para lhe afirmar que ele quer um relacionamento com você, principalmente depois do que aconteceu hoje — suspirou cansado e eu desviei meus olhos para Manuella que brincava alegre — Alexandre não é um moleque Alícia, você está acostumada a ter homens na sua vida, e ele não é nada menos que isso, se tudo isso já aconteceu pode ter certeza que ele sente algo por você.

— Mas Luiz, ele é homem e...

— Não use essa desculpa pelo amor de Deus! Você precisa entender que ele não é o tipo de homem que sai por aí comendo a secretária gostosa, ou qualquer outra mulher sem propósito, Alexandre leva a vida com serenidade Alícia, nem sempre foi assim, mas isso foi antes de Katrine —

frisei a testa confusa — ela é a ex-mulher de Alexandre, pensei que já soubesse — neguei

— Onde ela está agora?

— Morta — pus a mão na boca chocada

— Meu Deus! Mas o que aconteceu com ela?

— Ela trabalhava na ONU, em uma das missões foi raptada e mantida em cativeiro, um mês depois a mataram, ela estava grávida Alícia, grávida de uma menininha, era sua última missão — falou com pesar

— *G-zuis*, não posso nem imaginar o que Alexandre sofreu, eu perdi meu marido, mas segui com minha filha

— Sim, logo depois disso ele assumiu a empresa e nunca mais foi o mesmo, nem voltou a ser visto com mulher alguma

— Eu sinto tanto, Deus!

— E isso já faz 10 anos — bebeu um pouco de água — um dia lhe perguntei o porquê dele não ter casado novamente, ele me disse que não tinha achado a mulher certa ainda, faz 3 anos. E então você chegou e mudou tudo, pensa que não ouvi os rumores sobre vocês? — arregalei os olhos — enfim Alícia, eu acho que você deve se dar essa oportunidade — olhei para Manu

— Eu tenho medo

— A vida é repleta de medos, mas você tem que supera-los, você vai sofrer, vai chorar, mas no fim vai encontrar seu final feliz — abaixei a cabeça — Olhe para Manuella, ela é linda não é? — assenti segurando o choro — você acha que aquela menininha merece ter menos do que qualquer outra criança? Você pensa que ela não quer um pai? Pensa que ela não sente falta de um? Que quando ver os pais com seus filhos não fica triste? — a essa altura eu já me derramava em lágrimas — ela merece mais Alícia, e você também! Você precisa superar o medo, ultrapassar os obstáculos, só assim irá ser feliz

— Você está certo — enxuguei meu rosto — *droga*, você está tão certo! Obrigada Luiz, eu não tenho nem palavras... — ele sorriu e eu senti outra lágrima rolar pela minha face.

...

— Você acha mesmo que eu devo falar tudo pra ele? — mordi o lábio pensativa

— Deve, nenhuma relação que começa com mentiras termina bem, seja sincera Alícia, é a melhor coisa que você pode fazer — tocou minha mão carinhosamente — chegamos — virou para Manuella que estava jogando no

seu tablet — pronta Manu?

— Tio Luiz, eu vou ficar com o senhor? — pendeu a cabeça para o lado.

— Só um pouquinho princesa, depois vou deixá-la em casa

— Ah, entendi — olhou para mim — tchau mamãe — beijou meu rosto e um sorriso travesso se abriu em seus lábios

— Nem pense em aprontar mocinha — toquei seu nariz — Obrigada Luiz, eu lhe ligo quando terminar

— Okay, não se preocupe conosco, vamos nos divertir muito — lançou um olhar cúmplice para Manuella

— Tenho até medo — ri — Juízo viu — bati a porta do carro.

O expediente dos outros funcionários já havia acabado a algum tempo, por isso quando passei pelo saguão vazio pude respirar aliviada.

Entrei no elevador num pequeno pique de nervos, eu ajeitava meu cabelo pelo centésima vez quando as portas se abriram me revelando um andar silencioso.

Deixei minha bolsa em cima da mesa como de costume e fui até a copa tomar um pouco de água.

De certa forma eu estava querendo tardar aquela conversa, ao mesmo

tempo em que eu me sentia confiante me cia perdida, confusa e vacilante com as minhas escolhas.

— Fugindo de mim Alícia? — quase deixei o copo cair

— N-não senhor — respirei fundo ainda de costas, estava tomando coragem

— E o que faz aqui quando deveria estar na minha sala? Hum? — o senti se aproximar mais pelo calor do seu corpo

— E-eeu? Humm, tomando água? — Engoli em seco pondo o copo sob o balcão.

— Não sei, você sabe? — segurou meu quadril e me virou de frente para ele

— O que você está fazendo? — murmurei num sussurro no instante que seus lábios tocaram minha pele

— Te seduzindo pequena — disse no meu ouvido, o hálito quente e fresco fez os meus pelos se eriçarem

— Talvez não devesse — passei minhas mãos por seu pescoço — pode acabar seduzido — sussurrei sapeca o puxando mais para mim

Meu olhar se encontrou no seu, e foi por um segundo, mas o suficiente para que eu tomasse uma decisão, puxei seu rosto de encontro ao meu e o beijei.

Seu beijo era calmo, delicado e não havia urgência, havia paciência, havia sentimento, e tudo que eu queria era entregar meu coração para ele, suas mãos adentraram meus cabelos os puxando levemente. Alexandre selou nossos beijos com um selinho para então encostar sua testa na minha

— Não quebre meu coração Alexandre, por favor — pedi com a voz por um fio

Ele levantou meu queixo

— Não vou quebrar, eu prometo — e então ele me abraçou, seus braços rodearam meu corpo num afago apertado, cheio de carinho e eu me senti em casa.

— Eu preciso que você se abra comigo Alícia, não podemos começar nada a base de mentiras — rodeou a mesa — me conto o que eu preciso saber, e eu lhe contarei tudo o que quiser — abaixou os olhos

Respirei fundo

— Não é fácil falar disso — me sentei no sofá, Alexandre puxou a poltrona para a minha frente e sentou — *Ah Dios mío*, não sei por onde começar — confessei — o que quer saber?

Ele me olhou, olhou, e disse

— O que quiser me contar, vamos pelo começo, me conte a sua vida

Abri um mínimo sorriso e comecei a lhe contar a história da minha vida. Falei sobre o abandono no orfanato, como eu cresci, os mal tratos que sofria e lhe contei sobre James

— Ele era meu melhor amigo — sorri — cuidava de mim, tínhamos quase a mesma idade, com o passar dos anos esse sentimento evoluiu, cresceu, nos apaixonamos, começamos a namorar quando eu completei 12 anos depois de alguns beijos roubados — o vi sorrir levemente — quando ele completou 18 anos foi embora, prometeu voltar, mas não o vi por um ano, pensei que ele tivesse me abandonado, me esquecido.

— Mas no dia em que eu pude sair do orfanato ele estava lá fora — senti meus olhos enxerem de lágrimas — me deu um buquê de rosas vermelhas, me abraçou e prometeu nunca mais me deixar sozinha enquanto vivesse. Começamos a nossa vida oficialmente ali, fomos viver juntos e eu entrei na faculdade também, nos formamos e James logo arrumou um emprego, não me deixou trabalhar — gargalhei chorosa — e eu fiz outra faculdade mais o curso de português — Alexandre mantinha a expressão calma e aquilo me tranquilizou, não queria que ele ficasse chateado — Enfim, ele começou a crescer na empresa, se destacar e a quatro anos atrás descobriu em algo que céus — coloquei a mão na cabeça — preferia que ele nunca tivesse mexido, estávamos indo jantar quando eles chegaram — funguei — e foi nesse instante que o meu conto de fadas foi destruído, ele me trancou

dentro de casa e saiu sozinho, acredito que se ele tivesse ficado comigo eu estaria morta, eu estava grávida de dois meses — as lágrimas rolaram — o mataram Alexandre, eles o mataram, e tudo o que me restou foi Manuella.

— Eu tenho levado a vida sem ninguém — limpei meu rosto — estou a quatro anos sozinha, mas eu já sofri tudo o que tinha de sofrer, estou cansada — confessei — eu quero recomeçar, quero ter uma família novamente

— Eu sinto muito, mesmo Alícia — Me abraçou — não fazia ideia do que você passou, me perdoe por ter sido um babaca no começo — assenti

— É claro que perdoou — ele me apertou

— Você é a mulher da minha vida Alícia, estava esperando por você meu amor, estava esperando você e nem percebi quando chegou.



# CAPÍTULO 12

— Vamos ficar juntos nessa pequena — acariciou meu rosto

Eu ainda estava impactada pela forma que ele havia se entregado a mim, Alexandre estava se saindo um pretendente maravilhoso.

— Não acha que estamos indo muito rápido? — me ajeitei — talvez devêssemos esperar e ver se damos certo — supus

— Eu esperei anos para me sentir assim de novo — havia certo brilho em seus olhos — vivo, apaixonado, completo — tocou meu queixo — não vou deixar você ir embora Alícia, nunca mais quero me sentir daquele jeito, incompleto, partido, despedaçado.

— Eu... Não sei o que dizer — confessei — eu me sinto assim também, mas tenho medo — levantei — eu tenho Manuella, Alexandre, não sei o que ela vai pensar disso — toquei a janela de vidro

— Ela vai amar Alícia, eu vou ama-la como se fosse minha, porque desde que a vi estou encantado — abri um pequeno sorriso e ele segurou minha mão — eu vou ser o pai que ela precisa, o pai que ela merece, e vocês nunca mais estarão sozinhas — beijou meu dorso — só me dê uma chance, é tudo que te peço

Eu enxergava a verdade em seus olhos, sabia que ele estava sendo sincero.

Olhei para o lado.

Eu queria, queria dizer logo sim e esquecer tudo ao meu redor, mas, e se não desse certo? Não seria só o meu coração que ele quebraria, Manuella estaria envolvida, e eu devia acima de tudo prioriza-la.

— E se não dermos certo juntos? Como ela fica Alexandre? Eu não quero ver minha *niña* sofrer, nunca! Não quero dar falsas esperanças para ela, eu preciso pensar

— Pare de dizer “eu”! Pense em um “nós” Alícia! — segurou meus ombros — Vamos dar certo!

Abaixei a cabeça, droga!

— E se não dermos? O que faremos? — ergui uma sobrancelha

— Pelo menos saberemos que tentamos, e seguiremos nossas vidas, como amigos, mas juntos — suspirou — eu sei que vai dar certo, acredito nisso, falta só um pouco de fé da sua parte — me soltou indo para o outro lado da sala

Me sentei num canto e pensei

Alexandre estava certo? Sim, ele estava. Assim como Luiz e Suzie.

Eu realmente queria acreditar, e tinha aquele fiasco de esperança em meu peito me pedindo para ir fundo, mas eu também tinha minhas memórias amargas, meus medos, meus traumas.

Já havia passado por tantas coisas, principalmente no orfanato, não queria que minha filha passasse por nada parecido no mundo, na verdade, eu não desejava aquilo a ninguém.

Os dias de inferno que aguentei lá foi com a ajuda de James, e quando ele foi embora e eu fiquei sozinha quase desisti, quase me afundei num poço aonde ele era o único capaz de me tirar, e graças a Deus ele tirou, cuidou de mim e fez eu me sentir a melhor mulher do mundo.

Senti o choro vim, mas segurei minhas lágrimas firmemente.

A dúvida era o pior sentimento do mundo, ela te faz ir por caminhos traiçoeiros pelo simples medo de errar, nem sempre o caminho mais óbvio é o certo, mas não podemos dizer que isso é a regra, sempre tem uma exceção.

E Alexandre fazia parte disso

Me levantei e fui até ele convicta do que queria. Seus olhos me acompanharam a todo momento, receosos pela minha decisão, me sentei em seu colo, segurei seu pescoço e disse:

— Eu aceito, e acredito que pode dá certo Alexandre, só — desviei meus olhos dos seus com um pequeno sorriso — só tenha paciência comigo,

por favor, vamos devagar

— Ótimo — me abraçou

E aquele me aconchego, aquele gesto tão carinhoso, me lembrou do que era ter um companheiro.

...

— Não quer que eu vá mesmo? — falou com o rosto encostado no volante

— Não, preciso conversar com ela primeiro Alexandre, ver toda a situação

Ele assentiu

— Amanhã eu lhe conto tudo — suspirei

— Hoje, me conte hoje Alícia, não somos somente colegas de trabalho agora

— Você quis dizer que agora não somos mais chefe e funcionária né? Porque colegas? Meu Deus — gargalhei — nunca agimos como colegas normais, você tecnicamente manda em mim na maior parte do tempo, senão toda

— Culpado! — se rendeu — mas é isso — apontou para nós dois —

que precisamos entender, não quero que fique algo chato ou mecânico

— Não... Você está certo, só não estou acostumada

— Tudo bem, então nos falamos mais tarde pequena — me inclinei beijando seu rosto — assim não — me puxou de volta tomando meus lábios num beijo possessivo e sedento

— Até — abri a porta do carro e quase saí correndo dos seus braços.

Não olhei para trás, mas eu tinha certeza que o meu sorriso era tão grande que poderia ser visto de costas.

No elevador repassei meu mini discurso pela terceira vez, eu estava tão feliz com a decisão de não ser mais sozinha que me perdoa em Manuella as vezes, esperava que ela aceitasse isso, e me entendesse.

Mesmo sendo só uma criança.

Assim que pisei em casa liguei para Luiz, pedindo para ele trazer Manuella, menos de 30min depois ele a deixava na portaria do prédio.

Dei um bom banho nela enquanto a ouvia me contar sobre sua tarde

— Aí a *hija* do tio Luiz brincou comigo no pula-pula, foi tão divertido *mamá* — contou feliz

— Que bom *mi amor*, *mamá* quer conversar com você *hum*?

Lhe vesti com seu pijama dos *Backyardigans* e fomos para sala

— Filha, mamãe tem uma novidade, e quero saber o que você acha disso tá bom? — ela assentiu rápido, prendi a respiração e soltei de uma vez — mamãe tá namorando

Seus olhinhos se arregalaram e vi sua boca abrir levemente, e ela sorriu

*Porra, ela sorriu*

— *A senhola tá enamorada* pelo tio Alexandre né? — foi minha vez de abrir os olhos

— Menina! — ri

— Ah mamãe — colocou os bracinhos na cintura

— Sim bebê, é com ele — apertei os lábios — o que achou dele?

Ela abaixou o rosto e segurou as mãozinhas atrás das costas

— Eu gostei dele — me olhou com um bico — e ele parece ser um bom *papai* — sussurrou a última palavra

Me alinhei ao seu lado

— Como assim bebê? Pode contar tudo pra mamãe

— Ele brincou comigo hoje, e foi bem legal, me chamou de Ella, ninguém nunca tinha me chamado assim mamãe — falou entusiasmada já esquecendo a vergonha — eu deixo ele ser meu *papai*, eu *quelo* que ele seja

meu *papai*

Fiquei surpresa por toda aquela informação, Manuella era uma caixinha fechada e cheia de surpresas. Naquele momento vi que Luiz estava coberto de razão sobre seus sentimentos em relação ao pai.

— Filha, não sei nem o que dizer, mas olha, o Alexandre vai começar a ser mais presente na nossa vida, é isso — apertei suas bochechas tentando amenizar a situação

...

— Ela gostou da idéia — lhe afirmei — adorou pra ser sincera — ri — nem sei o que fazer — confessei — pensei que fosse ter dor de cabeça com ela.

— Calma Alícia, é normal, ela é criança e as coisas são coloridas ao seu redor, Ella ainda é muito titinha

— Sim, é verdade

— Então não tem porque você se preocupar, ela vai gostar mais de mim aos poucos — revirei os olhos

— Aí é capaz dela te amar mais que eu

— Prometo deixar um espaço para você — gargalhou — então amanhã pego vocês as 9h

Confirmei e continuamos conversando, Alexandre estava se mostrando tão compreensível e fofo que sinceramente eu ainda não estava entendendo nada com nada.

Mas *aquele* Alexandre parecia ser o melhor de todos, e o descobrir dessa maneira era mais do que eu podia esperar.

...

Estávamos completando dois meses de namoro hoje, Alexandre abriu a garrafa de champanhe com um sorriso largo no rosto

Eu não imaginei que íamos durar tanto, não imaginei que fôssemos dar tão certo, mas *droga* funcionávamos bem juntos, as vezes parecia que estávamos juntos a tempos, quando na verdade só nos conhecíamos demais.

Alexandre aprendeu tudo sobre mim muito rápido, e quando vi ele já estava se viciando em minhas manias, e em mim principalmente, aquele homem era *nossa*, insaciável.

Abri os braços para abraça-lo conforme ele se achegava a mim lentamente, numa dança silenciosa ao som de *Ellie Goulding* em *love me like*



*you do.*

Aquela era a nossa música, toquei suas mãos e cantei o início e refrão  
olhando em seus olhos

*Você é a luz, você é a noite*

*Você é a cor do meu sangue*

*Você é a cura, você é a dor*

*Você é a única coisa que quero tocar*

*Eu nunca soube que poderia significar tanto, tanto*

...

*Você é o medo, eu não ligo*

*Porque nunca estive tão fora de mim*

*Me siga até a escuridão*

*Me deixe te levar além dos satélites*

*Você pode ver o mundo que você trouxe para a vida, para a vida*

...

*Então me ame como você ama, me ame como você ama*

*Me ame como você ama, me ame como você ama*

*Me toque como você toca, me toque como você me toca*

Alexandre me apertou em seus braços e descansei a cabeça em seu peito enquanto ficávamos ali, apreciando aquele momento, apaixonados demais para qualquer outra coisa

Levantei a cabeça e beijei seu queixo, fechei os olhos e disse

— Eu estou terrivelmente apaixonada por você senhor Alexandre — toquei sua nuca e sem esperar por uma resposta lhe beijei.

Entregue e apaixonada, era assim que eu me encontrava

— Eu já te amo — confessou em meus lábios — não precisa dizer nada — acariciou meu pescoço

— Obrigada meu amor — meus olhos se encheram de lágrimas, estas de felicidades — Obrigada por me tirar daquela escuridão, você é a minha luz, e eu te amo — as lágrimas desceram, mas Alexandre secou todas com seus beijos

— Você me salvou de todas as maneiras que alguém pode ser salvo Alícia — beijou minha testa — e eu sempre vou ama-la *baby*

## CAPÍTULO 13

— Não amor, deixa que eu vou comprar — afundei meu rosto em seu peito — por favor

— Mais Alícia... — sentei em seu tronco — amor! — exclamou — golpe baixo — soltei uma risadinha

— *Baby*, quero fazer um café da manhã descente pro meu namorado, não posso? — passei minhas unhas em seu braço lentamente

— Não demore querida — rolou na cama ficando com cima de mim — e não esqueça que temos um longo dia pela frente — tocou minha boceta por cima da calcinha

— *Uhrum* — gemi baixinho

— Agora levanta essa bunda gostosa e vai logo — mordiscou minha orelha e apertou minha nádega direita

— Safado! — corri da cama rindo

— Você adora que eu sei — piscou e eu lhe olhei de escanteio seguindo para o banheiro tomar um bom e velho banho.

Vesti um shortinho jeans curto preto e uma blusinha de mangas cumpridas branca, havia alguns rabiscos na parte frontal da blusa formando a

palavra “mamãe de uma princesa”. Manuella adorava aquela blusa, tinha uma idêntica mudando só a frase, a dela era “filha de uma rainha”.

Peguei meu cartão e o coloquei no bolso junto com meu celular, deixei meus cabelos soltos e a única maquiagem que passei foi um brilho labial.

Saí do quarto e ouvi risadas vindo do quarto de Manu, balancei a cabeça risonha, todas as manhãs que Alexandre estava aqui em casa eram assim, alegres.

— Bom dia! — gritei chamando a atenção deles que brincavam — dormiu bem bebê? — apertei as bochechas de Manuella e lhe dei um beijo na testa

— *Buenos días mamá* — se agarrou no meu pescoço

— O que estavam fazendo? — sentei do lado de Alexandre

— Ah! O *pap*, tio Alex estava me fazendo cosquinha mamãe — lancei um olhar cúmplice para Alexandre e resolvi deixá-los sozinhos, já havia conversado com ele sobre isso.

— Bom, mamãe vai comprar o café da manhã bebê, fica aqui com o papai — pisquei para ele que observava um Manuella sem palavras.

Isso era novidade, logo aquela menina que estava virando uma matraca, não parava de falar nem por um segundo.

Entrei no carro de Alexandre e logo fui inebriada pelo seu cheiro, coloquei uma música do Antonio José, *Tu boca* e dei partida. Quando cheguei na padaria mais próxima já era 9h da manhã, comprei bolo de cenoura com cobertura de chocolate e salgadinhos, paguei tudo e fui para o supermercado.

Alexandre me mataria se soubesse que vou sem ele fazer as compras, quase gargalhei

Nesses dois meses eu descobri que Alexandre era o homem ideal para mim, extremamente cuidadoso, romântico e safado, tinha uma pitada de humor e me fazia bem.

Desde o dia em que disse o bendito “sim” nunca mais estive sozinha, em todos os aspectos, até nos mínimos detalhes ele estava atento.

Manuella o adorava, chegando a fazer até mesmo Carlos ficar com ciúmes, mas o amor que ela sentia por um e outro era diferente, e ele sabia disso.

O mesmo ficou de nos visitar agora no início do ano, no natal e no ano novo não pôde vir, Manu ficou arrasada, mas depois de muita conversa — e promessas — conseguiu entender.

Peguei um carrinho e comecei a fazer a compra da semana, estava na parte dos enlatados quando senti alguém me observar. Tirei os fones de

ouvido e olhei para os lados procurando alguém conhecido, mas não havia ninguém.

Dei ombros e peguei duas latas de sardinha com molho de tomate e uma conserva, permaneci perambulando por pelo menos mais 20 minutos até me dar por satisfeita e ir para o caixa.

Havia uma pequena fila de três pessoas, peguei meu celular e bati foto do carrinho cheio e enviei para Alexandre que mandou uma carinha brava segundos depois, mandei um emoji de coração partido e ele um beijinho.

Rindo guardei o celular vendo que já tinha chegado a minha vez de ser atendida, paguei a moça e no instante que peguei as sacolas e virei em direção a saída levei um susto.

Pisquei atordoada e quando abri os olhos não havia mais nada ali.

Receosa passei pelas portas de vidro e guardei as sacolas com o medo invadindo meu peito.

Eu estava ficando louca, louca demais.

No caminho para casa eu estava pensativa, calada e perdida, milhões de hipóteses passando pela minha mente me dando falsas esperanças.

Procurei por algo incomum ou diferente nas ruas, mas tudo estava do mesmo jeito.

Entrei em casa com aquela tensão pesando nos ombros, mas ao ver a

cena de Manuella pintando o rosto de Alexandre aquilo se esvaiu, e eu foquei na minha nova família.

— *¡Santo Dios!* Alexandre, como você deixa uma coisa dessa acontecer? — perguntei rindo, tirei algumas notas e entreguei ao novo que me ajudou com as compras

— Ela tinha direito a um pedido — arqueei a sobrancelha — como minha filha — arregalei os olhos e abri a boca surpresa com aqueles dois

— Mas olha! Vocês são um belo time mesmo — resmunguei rindo

— Mamãe, mamãe — levantou os bracinhos para mim, a peguei no colo — o Alexandre falou que eu posso chamá-lo de papai — sussurrou baixinho, fiz minha melhor cara de surpresa e perguntei

— E o que você respondeu? — ela colocou as mãozinhas no meu ouvido e respondeu

— Que sim, *papai* — me olhou por alguns segundos e depois perguntou — a *senhola* não vai brigar?

— Não — respondi rindo e a joguei para o alto, ela se abria em riso e mais risos.

— Tá bom mamãe, para — pediu rindo junto com Alexandre

— Vamos comer — falei indo para a cozinha, peguei o suco e as coisas que tinha comprado para o café da manhã

— Olha amor, comprei pra você — lhe dei um cupcake — como nos velhos tempos

— Obrigada, te amo

...

— Ela ficou entusiasmada demais, agora vive me chamando assim — riu acariciando meus cabelos — eu a amo sabia? — levantei a cabeça para lhe ver melhor

— De verdade mesmo?

— Sim, não sei porque. — confessou me encarando

— Ela estava animada o dia todo — comentei — não nos deixou nem assistir o filme direito — lembrei

— Eu me sinto pai dela, e gosto disso — deu ombros — fico feliz que ela também esteja animada — assenti com um pequeno sorriso

Alexandre era um bom homem, e me mostrava ser um pai carinhoso, atencioso e sincero.

Mesmo com poucos meses de namoro, eu confiava minha vida a ele se fosse preciso, tinha certeza que ele não iria me decepcionar e daria o



melhor de si.

Adormeci com esses pensamentos...

— MAMÃE! MAMÃE, ACORDA! Vamos pro parquinho? — fui acordada com pulos na cama, abri os olhos retomando a consciência e enxerguei a cabeleira ruiva da minha menina

—O que foi Manuella — bocejei cansada, olhei o relógio na parede e já se era 8h, me sentia preguiçosa e encarei a menina elétrica sentada nas minhas pernas

— Onde está seu papai?

— Na cozinha, fazendo um café especial — sorri, todos os dias era a mesma coisa.

Alexandre me mimava, eu conversava com Manuella quando ele viu com uma bandeja cheia, me deu um beijo

— Bom dia querida — piscou

— Papai! — Manu o chamou toda dengosa e ele a pegou no colo

— Fala filha

— Vamos ao parquinho hoje né?

— Se sua mãe quiser... — deixou a frase no ar

*Filha duma égua.*

— Claro bebê, vai você e o papai — Alexandre semicerrou os olhos na minha direção

— Ebaaaa! — se empolgou — mas porque não vai também? — seus ombros caíram

— Mamãe tá cansada hoje bebê, por isso não vou — seu rosto refletiu compreensão

— Entendi

— Mas tenho certeza que você vai se divertir muito! — afirmei

Manuella saiu da cama e correu para fora, provavelmente indo brincar

— O que você tem amor? Precisa de alguma coisa? — tocou meu rosto

— Não — o puxei para cima de mim num abraço — estou de TPM *baby* — ele respirou aliviado e sorriu lindamente

— Quer chocolate, sorvete? — neguei

— Só quero ficar quieta mesmo, vão vocês, quando chegarem vou estar melhor, prometo

Ele assentiu a contragosto, quando deu 2h da tarde eles saíram, 2h19min a campainha tocou novamente, e quem me encarava do outro lado da porta mais parecia um sonho do que realidade.

## CAPÍTULO 14

— James? — o encarei atordoada

Não podia ser possível, não podia. James morreu, eu o enterrei. Eu e Carlos o enterramos, não tem como ele estar vivo

Bati no meu rosto e fechei os olhos, quando os abri ele ainda estava lá.

— Não é possível — comecei a chorar apontando o dedo para ele — Você morreu! Eu vi, eu vi, isso é miragem — me afastei da porta acuada.

— Alícia! Querida sou eu — deu um passo a frente e dei dois para trás.

Não.

Não era possível!

Meu coração parecia querer sair do peito, senti o ar sumir dos meus pulmões e minhas pernas fraquejarem, mas antes que eu pudesse cair James me pegou.

E seu toque era tão familiar, tão conhecido por mim, abri os olhos lentamente e toquei seu rosto, a barba estava um pouco grande, assim como seu cabelo, que estava abaixo dos ombros.

Permaneci assim pelo que pareceu por horas, deitada no seu colo o analisando. Ele fazia o mesmo comigo, e seu olhar estava tão diferente do James que eu conhecia, parecia mais frio, calculista, embora ele não me olhasse assim.

Ele ainda me amava, tinha certeza disso

Enxuguei meu rosto com a ponta do *baby doll* que usava e me ajeitei no sofá desnorteada, perdida. Coloquei as mãos na cabeça e não pude impedir o cair de mais lágrimas.

Seus braços rodearam meu corpo e ele me trouxe para o seu peito. Pude perceber ali que ele estava mais forte, não parecia o meu James

— O que aconteceu com você? — perguntei baixinho, ainda chorando  
— Porque você está aqui? Eu não entendo — me soltei dele

Olhei para a porta aberta e me lembrei de Alexandre e Manuella, funguei

— Podemos conversar em outro lugar? Daqui a pouco...

— Seu namorado volta com nossa filha — completou, o olhei curiosa e a ficha caiu

— Era você! — pus a mão na boca — estava me vigiando todos esses dias, eu o sentia atrás de mim — fechei os olhos

— Eu precisava saber como estava a sua vida antes de aparecer

Alícia, não podia simplesmente chegar — levantou ficando perto de mim, senti meu corpo estremecer quando ele levantou a mão para me tocar

— Eu.. vou me trocar — me desvencilhei dele — tem algum lugar que possamos conversar?

— Sim — respondeu cabisbaixo

Entrei no quarto xingando todos os nomes possíveis, tudo sempre acontecia comigo, sempre, e *droga* eu estava feliz por ele não estar morto, *porra* ele era meu marido, mas aquele não parecia o James de verdade, pelo menos não o que eu conhecia.

E tinha Alexandre, céus, o que ele iria achar disso?

Vesti um vestidinho branco e calcei uma rasteirinha, mandei mensagem para Alexandre avisando que ia sair, mas não demoraria.

Quando cheguei na sala ele estava no mesmo lugar onde eu tinha o deixado.

— Vamos querida — tocou meu ombro, senti um frio no estômago

O silêncio que se instalou entre nós era constrangedor, eu tinha tantas perguntas, tantas dúvidas.

— Você está tão diferente James — murmurei quando entramos num apartamento no mesmo condomínio que o meu — o que aconteceu com você, eu não entendo — fechei os olhos e sentei no sofá preto que havia ali

— Eu vou lhe contar tudo, só me deixe abraçar você por favor —  
apertei os lábios e assenti, me levantei e deixei que seus braços me  
apertassem enquanto eu chorava

— Eu senti tantas saudades — confessou no meu ouvido

— Eu também, eu... *droga* James, eu morri, morri junto com você,  
porque você me abandonou? Porque não voltou pra mim?

— Vem, eu vou te falar tudo, prometo — me conduziu até o quarto

E ele me contou, e eu só sabia chorar e chorar. Não conseguia  
imaginar tudo o que meu marido, ex-marido havia sofrido na mão daqueles  
mafiosos. No fim daquilo tudo não foi uma surpresa saber o porquê dele estar  
vivo

— Eles me queriam Alícia, queriam usar minhas habilidades,  
ameaçaram você e nossa filha — abaixou a cabeça — eu não podia arriscar,  
não quis arriscar, os meses que passei lá me mostraram que eles não  
brincavam em serviço

— Eu não quis voltar por isso, não queria colocá-las em perigo, fiz  
tudo por vocês

— Eu não sei o que dizer, meu Deus James, me perdoe, eu queria  
tanto ajudá-lo, queria mesmo — toquei sua mão — eu esperei por você, até  
uns meses atrás eu estava sozinha — virei o rosto — mas eu precisava de

alguém

— Não precisa se desculpar Alicia, você é a única inocente nessa historia, eu só preciso dizer isso uma vez, você não precisa retribuir, só ouça. Eu amo você — tocou meu rosto — e é porque eu amo você que não posso ser egoísta. Eu não te mereço, não mais.

— Eu te amo James, nunca deixei de ama-lo, e eu sempre terei um pedaço seu comigo — toquei seu peito

— Eu sei querida, e fico feliz que você esteja seguindo em frente, ele é um bom homem, e parece um ótimo pai para nossa filha — uma lágrima escorreu pelo seu rosto — ela é tão linda

— Sim, ela é, se chama Manuella

— Perfeito

— Ela te ama James, pergunta por você e me disse que te ama

— Ela me ama? — apertou os lábios — mas nem me conhece — afirmou

— Ela conhece sim, pelo que eu falo para ela

— Eu sei que não posso te pedir nada, mas mesmo assim... Posso conhecê-la? Não precisa me apresentar, eu só queria abraça-la, por favor — olhei para o lado pensativa

— Pode sim, pode — respirei fundo — mas James, você vai sumir de novo?

— Provavelmente, eu só posso deixá-las seguras me afastando, sinto muito

— Não, eu entendo

...

Alexandre ficou sem chão no instante que lhe contei tudo, conheceu James e ficou nos encarando por um longo período de tempo, sua primeira pergunta foi

— Você o ama Alícia? — direto como sempre, sem rodeios

Olhei para James que me encarava com uma intensidade que me fazia fraquejar

— Eu o amo sim Alexandre — seu rosto se contorceu — mas James é um amor do passado, que eu nunca vou esquecer, sempre teremos nossa filha, e você é o homem que escolhi para recomeçar, e não vou desisti disso, amo você agora

Ele abriu um sorriso tímido



— Pode confiar em mim okay — peguei em seu ombro

— Eu confio pequena — olhou para James — desculpa cara

— Eu conto com você para cuidar das minhas princesas, espero que seja capaz disso — James falou, sua voz era firme e havia se tornado mais potente com o passar dos anos

— Pode deixar — bateu em seu ombro — eu vou no meu apartamento pegar algumas coisas e depois volto, se cuida — beijou minha bochecha, em respeito a James

...

O encontro de Manuella e James foi lindo. Ele a abraçou e falou que era um amigo distante, ela como sempre foi um amor e o tratou com carinho.

Eles brincaram a tarde toda, e eu enxerguei uma felicidade nos olhos dele que nem mesmo eu havia conseguido dar, Manuella era mesmo uma luz.

— Boa noite tio James — beijou o rosto dele e lhe deu um abraço apertado

— Boa noite minha princesa, saiba que eu amo você — tocou seu rosto

— Tá bom — sorriu e correu para o quarto ir dormir

— Obrigada Alícia, obrigada por me deixar conhecê-la, ela é perfeita, igual a você — se aproximou de mim

Dessa vez não recuei

— James, por favor — pedi, eu não seria capaz de lhe negar algo naquele momento — não faça isso

— É provável que nunca mais nos veremos, já arrisquei demais a segurança de vocês, me perdoe — seus lábios cobriram os meus

Foi um beijo sôfrego, cheio de sacrifícios e tristeza, pelo simples fato dele partir, eu o amava, o amava demais, não importa o que passasse, James sempre seria o meu primeiro e eterno amor.

Eu envolvo meus braços ao redor do corpo, lhe abraçando com força, sinto falta dele, eu realmente sinto falta dele. Eu o amo. Simples assim.

...

Alguns dias depois de James ter ido embora recebi um pequeno pacote dos Correios em casa, nele havia duas cartas, uma para mim e outra destinada a Manuella, para quando ela estivesse maior e mais um cordão de

ouro, as correntes eram finas, o pingente era de coração e havia as iniciais JM, dentro uma foto de James.

A carta destinada a mim era de amor, um amor infinito, James disse que sempre me amaria, não importava o que acontecesse. Me pediu para seguir em frente sem pesos na consciência, pois ele faria isso também.

Chorei litros lendo, e depois senti meu coração em paz

Agora eu estava deitada ao lado de Alexandre, ele andava estranho desde aquele dia

— *Baby* — chamei — porque você está tão estranho? — levantei minha cabeça para olha-lo, ele me tirou de cima do seu peito e sentou

— Desde quando seu ex-marido veio aqui quero lhe dizer algo, e quero que saiba que estou fazendo isso porque finalmente conheci alguém com quem eu quero passar o resto da minha vida — senti meu coração acelerar, puxei mais o lençol para cobrir minha nudez — case comigo?

Pisquei atordoada, confusa e feliz

— O quê? Não está falando sério

— Eu estou falando sério, case comigo, seja minha para sempre  
Alícia

— *Baby* — sussurrei

— Me deixe fazê-la a mulher mais feliz desse mundo, quero passar cada segundo do resto da minha vida ao seu lado — me empurrou até que eu caísse deitada na cama — diga sim — encostou sua testa na minha — eu te amo

— Eu também te amo! E sim, mil vezes sim — o puxei com a perna — é claro que eu quero casar com você! Meu Deus! Eu vou me casar — abri um sorriso enorme e lágrimas de alegria escorreram pelo meu rosto

— Vamos ser uma família de verdade agora — passou a mão no meu rosto — e Manuella vai me ter por completo. Eu sei que James é o pai dela, mas ele deixou essa responsabilidade para mim

— Você é o pai dela! E ele também, mas você cuida dela, cuida de uma maneira que nunca pensei que fosse capaz de fazer

— Ela é a minha princesa

— Parece que vamos ter que fazer outra camisa — o beijei

Eu finalmente estava me sentindo totalmente completa, e nada impedia minha felicidade, eu me sentia feliz, livre e aliviada por tudo.

James havia tirado um fardo dos meus ombros quando abençoou meu relacionamento, não conseguiria ter paz se ele fizesse ao contrário.

Ele não deixou um endereço, um e-mail ou até mesmo um número de telefone, mas disse que se eu precisasse dele ele saberia, e viria até mim.

Alexandre soube do nosso beijo, e não ficou com raiva, me confessou que já esperava por isso, ou até mesmo algo a mais, pois era nítido que eu o amava, assim como ele

Carlos foi o último a saber do ocorrido, ficou chocado quando lhe contei tudo e disse que o procuraria no inferno, mas encontraria seu amigo, custe o que custasse. Ele estava diferente, e o motivo era a morena que havia chegado com ele de viagem

Quando lhe perguntei quem era ela, ele disse que finalmente havia encontrado o amor da sua vida, mas que ela era muito cabeça dura para entender isso ainda, Joyce era seu nome.

Ele me resumiu a curta história de amor dos dois e eu me encantei pela moça

— Espero que você encontre sua felicidade Carlos

— Eu já encontrei, ela só não admitiu isso ainda — sorriu vendo-a se aproximar

Estávamos no meu jantar de noivado, não havia muitas pessoas, conseguia contar nos dedos da mão os convidados.

Eu iria me casar no final desse ano, e estava feliz com meu novo amor

Levantei a taça em um brinde pela nossa felicidade

— Saúde! — todos falaram

Haviam sorrisos no rosto de todos, esbanjávamos felicidade e amor

Alexandre se aproximou de mim enroscando seu corpo ao meu

— Eu te amo, mais do que a mim mesmo — me beijou

Não existia amor à primeira vista. O que existia era a pessoa certa, que estava lá no momento certo. E Alexandre por acaso estava lá.

Mas o verdadeiro amor é aquele que começa como uma faísca e sem querer domina o teu coração para sempre, e foi isso que Alexandre fez comigo, me amou quando eu não merecia ser amada, quando eu não tinha mais esperança.

— Todas as minhas palavras, e cada batida do meu coração são para você, eu te amo *baby*.

## EPÍLOGO

### 10 ANOS DEPOIS

— Mamãe, você tem certeza que o papai vai gostar? — Manuella perguntou pela centésima vez

Olhei para ela com um sorriso

— É claro que vai mocinha, ele me pediu quando você completou 10

anos, mas eu sempre quis que partisse de você

— Eu estou tão nervosa — balançou as mãos

— Ele vai amar Ella, não se preocupe quanto a isso — coloquei meus brincos

Hoje era 11 de Agosto, dia dos pais aqui no Brasil, e Ella iria fazer uma baita surpresa para Alexandre

— Estou pronta — deu uma voltinha e eu vi como minha bebê havia crescido, os cabelos estavam abaixo do bumbum, e diferente de mim que era cheia de traços latinos ela carregava os americanos, magra da cabeça a ponta dos pés

— Linda *mi amor, bella*

— Obrigada, vamos logo se não irmos nos atrasar — sorri com sua pressa

Alexandre nos esperava a escola de Manuella, como era dia dos pais haveria uma apresentação, e minha princesa faria o *grã finale*.

...

— Porque ela não está apresentando com os outros amor? — me

perguntou quando o recital começou

— Ela vai fazer a apresentação final *baby*

Minutos depois ela entrou no palco, olhou diretamente para mim e sorriu.

— Boa noite a todos — saudou, pegou sua pasta e começou a ler — Ser pai é diferente de parecer pai, e isso eu aprendi com o melhor. Você, papai, me ensinou que ser pai é tanto saber impor e disciplinar quanto saber brincar e dar liberdade ao seu filho. — Alexandre a olhava todo orgulhoso, nem imaginava o que ela estava aprontando — Ser pai é ser voz grossa de autoridade e ser carinho e beijo de amor. É ser firme e ao mesmo tempo coração mole.

— É ser ruga constante de preocupação e sorriso de ternura. É ser sabedoria que ensina, mas também estar disposto a aprender com seu filho. — olhou para Alexandre — Ser pai é ser o que você é e sempre foi, meu pai, diariamente dando o exemplo de vida de um grande homem, generoso, honesto, persistente e lutador. — olhou para a plateia e disse — Feliz dia dos pais a todos os papais! Vocês são a nossa inspiração e amamos você com todo o nosso coração!

Todos se levantaram e aplaudiram, os filhos que estavam no coral vieram abraçar seus pais



— Agora eu queria pedir licença para todos — olhou para a diretora que assentiu rápido — e fazer uma homenagem especial para o meu pai — Alexandre me olhou confuso e dei ombros — Papai — sorriu — diferente dos outros pais aqui presentes você só chegou quando eu tinha 4 anos de idade, eu ainda me lembro das nossas idas ao parque e de todo chocolate que comíamos escondido da mamãe — todos riram, inclusive eu — eu me lembro das vezes que o senhor dormia no hospital quando eu ficava doente, das bombinhas que espalhou por toda a casa, até mesmo nas minhas bolsas, todo tempo cuidando de mim e me amando — Alexandre a encarava com os olhos cheios de lágrimas — e hoje eu quero me dar de presente ao senhor — tirou os papéis de doação de dentro da pasta, as pessoas a olhavam surpresas — o senhor aceita ser meu papai legalmente? Me aturar para a vida toda? — desceu do palanque e andou até ele, estávamos sentados na primeira fila — o senhor me aceita como filha?

Sua voz estava embargada, e as lágrimas se faziam presentes nos nossos rostos.

— É claro que sim, meu bebê — a abraçou fortemente — eu te amo tanto filha — li em seus lábios — você já é minha filha, com papel ou não — ela assentiu

— Ele aceitou gente! — gritou no microfone e todos os aplaudiram

Nenhum coração é mais forte do que o coração de voluntário

E era isso que Alexandre tinha, ele amava involuntariamente, Sem pedir nada em troca.

E nada era mais forte que isso

# AGRADECIMENTOS

Ufa! Meu Deus, eu realmente pensei que não fosse chegar aqui, mas cá estamos nós hahaha.

Eu ainda me lembro de quando decidi escrever esse “conto” e em vários momentos eu olhei pra mim mesma e falei

“Você não vai conseguir” “Escrever um livro não é fácil” “Você nunca concluiu um livro, quem te garante que vai fazer agora?”

E olhando para trás eu rio, rio muito dos meus próprios pensamentos, porque eu terminei, terminei meu primeiro livro e eu tô com um sorriso enorme no rosto nesse momento, você pode me imaginar, cheia de olheiras, cabelos arrepiados e morta de cansada, mas com um sorriso gritante nos lábios.

Hoje é um dos dias mais felizes da minha vida, um sonho nasceu aqui e eu consegui realizá-lo, pelo menos o começo né hahaha

Então essa é uma pequena história sobre esse livro, e antes de tudo, eu quero agradecer a Deus por ter me dado forças para continuar, não me deixando desistir nunca, agradeço a ele por me abençoar com esse dom maravilhoso, pois sem ele nada disso seria possível, muito obrigada meu

Deus.

Em segundo lugar, quero agradecer a suas pessoas que foram mais que fundamentais para a conclusão desse livro, vamos falar de uma por uma okay

**Joyce Milena**, você foi uma das pessoas que mais me ajudou nesse livro, minha beta linda, maravilhosa e com um sotaque muito sexy, eu enchia seu PV de mensagens a cada capítulo enviado, perguntando se estava bom, se tinha que mudar algo e com mil e uma inseguranças na cabeça e no coração.

Mas você ficava ali, me apoiando, ouvindo minhas teorias malucas e não desistindo de mim, chorou junto comigo e se emocionou demais, só tenho a te agradecer, obrigada por tudo, você começou como minha beta, hoje se tornou minha amiga, obrigada mais uma vez, muito obrigada mesmo.

Agora, **Juju Figueiredo**, você aguentou minhas doidices e riu de cada figurinha que eu mandava, acho que isso é o que mais caracteriza nossa amizade. Sem você esse livro não estaria aqui, de jeito nenhum, você me fez uma capa linda e cuidou de toda a diagramação desse livro quando eu me vi desesperada, respondeu a todas as milhares de perguntas que eu sempre lhe fazia e se tornou alguém tão querida por mim, por todo apoio que recebi de você, obrigada por não desistir de mim, mesmo eu fazendo várias coisas erradas, obrigada por tudo, mesmo.

Quero agradecer também a minha mãe que me apoiou em quase todos

os momentos hahaha, e a **Tatiana Souza** que ficava me encorajando no grupo e dando palavras amigas

E claro, a você leitor que chegou até aqui, se emocionou, gritou, chorou, enfim, saiba que eu guardo você num potinho, e que sem você esse livro não seria importante, então muito obrigada a você que baixou ou comprou esse e-book, obrigada por tornar esse sonho possível.

# MAIS SOBRE A AUTORA

Amberly Albuquerque é uma escritora atrás de uma pequena (não tão pequena assim tá gente) menina, a moça de apenas 16 anos começou a ler aos 12 anos de idade e quando completou 14 sentiu o desejo de escrever, desde aí não parou mais.

Leitora voraz, resenhista assídua, estudante fiel, e uma amiga fofa e tarada por personagens e figurinhas são palavras que a definem.

Facebook: <https://www.facebook.com/EscritoraAmberlyAlbuquerque/>

Instagram: [https://instagram.com/amberly\\_albuquerque?](https://instagram.com/amberly_albuquerque?igshid=17f57c9sa6ezd)  
[igshid=17f57c9sa6ezd](https://instagram.com/amberly_albuquerque?igshid=17f57c9sa6ezd)

Twitter: <https://twitter.com/AmberlyAlbuque1?s=09>

Wattpad: @Amy\_Albuquerque

E-mail: [autoraamybertutty@gmail.com](mailto:autoraamybertutty@gmail.com)